



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

SIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA A PARTIR DE UM CASO DE SÍNDROME DE DOWN

LORENA ALVES SANTANA

BRASÍLIA
JUNHO/2006

LORENA ALVES SANTANA

SIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA A PARTIR
DE UM CASO DE SÍNDROME DE DOWN

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso
de Licenciatura em Psicologia do
UniCEUB – Centro Universitário
de Brasília.

Prof. (a) orientador (a)
Ciomara Schneider

Brasília/DF, Junho de 2006

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais, Elisete e Wilson, que acreditaram em mim e que estiveram sempre ao meu lado, a minha irmã Fabiana por ter me ajudado em tudo que precisei.

Ao meu noivo Felipe, que sofreu com a minha ausência, me compreendeu e sempre me deu força para continuar em frente.

E a todos aqueles que acreditam na educação e que lutam em benefício desta proposta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e saúde para seguir em frente e concretizar mais um sonho.

Aos meus amigos que em muitas horas me acalmaram e me divertiram, aliviando as preocupações. E em especial às minhas amigas Lú, que sempre me deu força e ânimo, Luma, que sempre me socorreu nas horas que mais precisei, e Luzinha, por ter sempre uma palavra amiga.

Ao tio Carlos e toda sua família por terem aberto as portas de sua casa mais uma vez e por me receberem com tanto carinho.

À minha orientadora Ciomara Schneider, que com toda sua tranquilidade fez deste trabalho, mais um momento de crescimento e amadurecimento.

À toda minha família e ao meu noivo por me apoiarem sempre.

SUMÁRIO

1 -Introdução.....	07
2 – Capítulo 1 – Transição histórica da educação para a educação inclusiva- algumas considerações.....	10
3 – Capítulo 2 – Significando a inclusão.....	19
4 – Capítulo 3 – O que é Síndrome de Down.....	26
5 – Capítulo 4 – Estudo de caso	33
1.1 Descrição do caso.....	33
1.2 Análise reflexiva.....	43
6 – Conclusão.....	49
7– Referência Bibliográfica	52
8 – Anexo	54

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de inclusão a partir de um estudo de caso. Para isso, analisa o histórico educacional de um indivíduo com Síndrome de Down. Para esta análise, foram realizadas entrevistas com a família e com profissionais que acompanham o indivíduo, além de observações em diversos contextos. A monografia ainda apresenta um breve histórico sobre a educação especial e o processo de inclusão, além de caracterizar a Síndrome de Down. A análise do tema proposto permitiu visualizar que a educação inclusiva é um processo lento e que ainda encontra muitas barreiras. Mas, apesar disso, o trabalho proporcionou um maior entendimento da proposta e das necessidades dos alunos especiais.

Palavras-chave: Síndrome de Down, ensino especial, educação inclusiva.

O presente estudo visa tratar sobre a educação especial de alunos com Síndrome de Down no ensino brasileiro, além de discutir a problemática da educação inclusiva a partir de um estudo de caso. Com isso, a pesquisa propõe uma discussão sobre os aspectos do processo de inclusão, e sua contextualização histórica, analisando, o indivíduo com Síndrome de Down, mostrando suas habilidades.

A educação inclusiva é um tema bastante discutido ultimamente, pois se trata de um assunto que instiga todos os indivíduos que lutam por uma educação como direito de todos. Visa promover uma reforma nas escolas com o objetivo de assegurar o direito de todos ao acesso e a participação em todas as atividades da vida escolar. E quando se fala em todos, estão incluídos aqueles com deficiência ou dificuldade de aprendizagem, minorias étnicas e os que estão sob o risco de exclusão.

De acordo com Pinsky (2001), as pessoas com necessidades especiais correspondem a 16 milhões de indivíduos da sociedade, mas a grande pergunta é: onde estão eles? A maioria se esconde, se exclui da sociedade e prefere ficar em sua casa, onde tem segurança e tranquilidade, já que a sociedade não tem preparo e boas condições para lidar com eles, excluindo-os do convívio social.

Com isso, além das pessoas com necessidades especiais já possuírem uma limitação e sofrerem por isto, ainda existe o preconceito, a falta de oportunidade nos aspectos educacionais e profissionais e o despreparo da sociedade em geral - dos professores e dos familiares - para receber e promover uma melhor adaptação das PNEs¹ na sociedade.

A exclusão é uma forma de violência, e como tal, deixa marcas. Por isso deve-se ter uma preocupação e atenção com esses indivíduos que sofrem esse tipo de violência e promover, ao mesmo tempo, a inclusão destes em todos os aspectos da vida, pois a inclusão não deve ocorrer somente na escola, mas sim na sociedade.

Os alunos com necessidades especiais são indivíduos que precisam de uma olhar mais sensível e, por isso, são necessários muitos estudos que proporcionem alguma ajuda ou conhecimento sobre esses alunos. Todo o movimento da educação inclusiva possibilita que os

Nota 1- PNEs- Sigla que será utilizada no decorrer do texto que significa pessoas com necessidades especiais.

alunos especiais tenham uma oportunidade e o direito de permanecerem no ensino regular.

As pessoas com Síndrome de Down são pessoas com necessidades especiais devido a uma deficiência no seu desenvolvimento intelectual, ocorrido por uma alteração cromossômica. Esta síndrome tem características específicas, porém é importante ressaltar que cada indivíduo vai ter suas próprias características, entendendo assim que não há uma padronização dos indivíduos com esta síndrome. É dada também uma grande importância para o trabalho de estimulação, a criação de vínculo e de um ambiente confortável para que estes indivíduos possam se desenvolver e ultrapassar as limitações da síndrome.

Faz-se necessário destacar o papel da família neste processo, pois ela é o ambiente mais importante para que as crianças com necessidades especiais desenvolvam sentimentos positivos sobre elas mesmas, além de ser o primeiro espaço de integração e socialização da criança.

Muitos estudos são feitos acerca do tema, visando proporcionar meios que possibilitem os alunos portadores de necessidades especiais vencerem as barreiras que ameaçam separá-los dos outros, levando à exclusão. Por isso se faz necessária qualquer contribuição, por menor que seja, mas que possibilite uma reflexão acerca do tema. Assim, acredita-se que tudo o que for feito em benefício deles já está por si só justificado.

Todo o movimento da educação inclusiva possibilita que os indivíduos com necessidades especiais tenham uma oportunidade e o direito de permanecerem no ensino regular. Mas é importante ressaltar que a inclusão não depende somente da escola ou de lei, mas também de uma formação inicial e continuada dos professores, para que sejam capazes de possibilitar uma educação para todos.

Analisando algumas pesquisas sobre o tema proposto, é possível observar também os benefícios da inclusão. Todos ganham com este trabalho, não só os alunos com necessidades especiais, mas todos os outros alunos que convivem com elas, além dos professores e toda a equipe da instituição.

A Psicologia tem muito a contribuir com o processo de inclusão dos alunos portadores de Síndrome de Down, pois se preocupa com as conseqüências da exclusão vivida por estes

alunos e pode auxiliar neste processo, facilitando as dificuldades encontradas pelos professores e alunos.

Este trabalho tem também realizar um breve histórico sobre a educação especial, conceituar e analisar a síndrome de Down. Analisar o processo de inclusão e pesquisar o papel do professor neste processo.

Este é um tema de grande relevância social e que deve ser discutido por todos os profissionais da área de educação, com o intuito de aprofundar o conhecimento acerca do tema, além de criar alternativas e oportunidades para que se coloque em prática essa proposta.

A monografia foi distribuída nos seguintes capítulos “Transição histórica da educação para a educação inclusiva- algumas considerações”, “Significando a inclusão”, “O que é Síndrome de Down”, “Estudo de caso”, além da introdução e conclusão, visando apresentar uma análise crítica do processo de educação inclusiva na rede do ensino brasileiro.

1- TRANSIÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para compreender a educação inclusiva é importante remontar toda a história da educação e a idéia dos deficientes, assim como o conceito de deficiência e as modificações que ocorreram neste tempo.

Desde a Idade Antiga as crianças com deficiência sofrem com a exclusão. Naquela época elas eram jogadas nas montanhas ou nos rios. O preconceito e a omissão com as PNEs vem de longo tempo. Na época cristã medieval não era diferente, esses indivíduos eram afastados da sociedade, perdendo suas vidas, pois podiam influenciar os indivíduos ditos 'normais'.

Segundo Cardoso (2003) e Mazzotta (2001), na Idade Média associavam a idéia de deficiência ao misticismos e à bruxaria. As pessoas com necessidades especiais eram vistas como indivíduos possuídos e não eram dignos da vida, e assim deveriam ser afastados do meio social. Estes indivíduos estariam sendo punidos por algum pecado ou tinham acesso à verdades que só eles podiam alcançar.

De acordo com Mazzotta (2001), a igreja colaborou ou colabora com a exclusão das PNEs, pois os indivíduos vistos como semelhantes a Deus são perfeitos como ele. Isto induz a idéia de que os deficientes não são semelhantes, não são perfeitos e assim eram colocados à margem da condição humana.

Toda essa idéia, esse conceito de deficiente como sendo um indivíduo incapaz, sem direito à vida, sem possibilidade de mudança, faz com que a sociedade enxergue esses indivíduos desta forma e por isso se omitiu durante muito tempo os serviços de apoio, prejudicando seu desenvolvimento e a adaptação.

Segundo Mazzotta (2001), na Europa surgiram os primeiros movimentos a respeito do atendimento às PNEs. A primeira obra impressa sobre educação especial foi de Jean-Paul Bonet, França, em 1620, sobre deficiência auditiva e daí em diante outros trabalhos surgiram, como o método de sinais e leitura para cegos.

Cardoso (2003) enfatiza a importância de Jean Itard (1775-1838), considerado o pai da educação especial, por realizar estudos na área da reabilitação de PNEs. Seus estudos são utilizados até hoje por todos aqueles que trabalham com PNEs. Mas relata, ainda, que a educação especial surgiu com a institucionalização especializada das PNEs no final do século XVIII e início do século XIX, na América do Norte, ou seja, surgiu dentro de uma idéia de segregação. Só nesta época a sociedade começa a se conscientizar da necessidade desses indivíduos e possibilita um atendimento assistencial a eles, mas ainda com um caráter excludente. *A assistência era proporcionada em centros, na qual pessoas com deficiência eram atendidas e assim a sociedade era protegida do contato com os anormais.* (Cardoso, 2003, p.17) Fica claro que a sociedade tomou consciência da necessidade das PNEs, mas não quer ter contato, quer deixar esses indivíduos escondidos e fazer de conta que eles não existem. Este período é de “segregação” mesmo, pois as PNEs eram colocadas em escolas especiais e eram separadas e isoladas dos outros alunos.

Segundo Mazzotta (2001), no Brasil, iniciou o surgimento de instituições especializadas no atendimento a cegos, mudos, deficientes mentais e físicos no século XIX, com um caráter oficial e particular. Em 1854 foi fundada no Rio de Janeiro o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que foi mais tarde chamada de Instituto Benjamin Constant. Em 1857 foi fundado o Imperial Instituto dos Surdos –Mudos, que em 1957 foi denominado de Instituto Nacional de Educação de Surdos. Estes institutos eram voltados para a educação literária, ensino profissionalizante e aprendizagem de ofícios, como a tipografia. Essas primeiras iniciativas possibilitaram o 1º Congresso de Instrução Pública sobre a educação dos PNEs.

De acordo com Mazzotta (2001) e Cardoso (2003), no início do século XX surgiu a educação especial, com a criação de programas escolares e a elaboração de muitos estudos acerca do tema, como o ANEE, Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Em 1950 já eram 40 escolas de ensino regular que prestavam atendimento especial as PNEs, mantidos pelo poder público. Outro fato importante que não se pode deixar de mencionar é a criação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, que no Rio de Janeiro, em 1954, conseguiu que algumas autoridades olhassem o problema dos excepcionais, e ao longo dos anos outras APAEs foram sendo fundadas em todo o Brasil, dando assistência, tratamento para as PNEs e treinamento para os profissionais dessa área, montando instituições autônomas

e com atendimento multi e inter-disciplinar. Em 1957, o governo federal assumiu a nível nacional o atendimento educacional das PNEs com a elaboração de campanhas. A primeira foi a campanha para a educação do surdo brasileiro. Em 1960 foi inaugurada a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais - CADEME, que tinha a finalidade de: *promover, em todo o território nacional, a educação, treinamento, reabilitação e assistência educacional dessas crianças retardadas e outros deficientes mentais de qualquer idade ou sexo.* (MAZZOTTA, 2001, p.52).

Mazzotta (2001), afirma que em 1973 foi criado o CENESP, Centro Nacional de Educação Especial, que tinha como finalidade *promover, em todo o território nacional, a expansão e melhoria do atendimento aos excepcionais* (Mazzotta, 2001, p. 55). Mas em 1983 foi transformado em SESPE – Secretaria de Educação Especial, que foi extinta em 1990, quando surgiu o SENEb e, mais tarde, incluindo o órgão DESE, Departamento de Educação Supletiva e Especial, que possui objetivos específicos para a educação especial. Finalmente em 1992, com a reorganização dos Ministérios, a SEESP, Secretaria de Educação Especial, reapareceu como principal órgão com interesse da Educação Especial, e assim surgiram as principais transformações nessa área.

Cardoso (2003) esclarece que na década de 70 foram criadas as classes especiais restritas a esses alunos especiais. Já nos anos 80 surgiu a iniciativa e a preocupação de integrar esses indivíduos, mas ainda em um sentido restrito, não em um sentido de integração social amplo. Uma integração educativa, defendendo que o ensino dessas crianças e jovens deveria ser feito no ensino regular. Mas, apesar de todo o discurso teórico de igualdade de oportunidade, na prática esses indivíduos sofreram e sofrem com a falta do ensino regular. Porém, com toda essa mudança, as famílias também estão lutando contra a exclusão das PNEs nas escolas e no ambiente social em geral, não estão aceitando a segregação dos seus filhos, estão lutando por um direito que é deles. Mazzotta (2001) enfatiza o trabalho dos pais:

Historicamente, os pais têm sido uma importante força para as mudanças no atendimento aos portadores de deficiência. Os grupos de pressão por eles organizados têm seu poder político concretizado na obtenção de serviços e recursos especiais para grupos de deficientes, particularmente para deficientes mentais e deficientes auditivos (MAZZOTTA, 2001, p.64).

A educação Especial pode ocorrer em diversas modalidades. Mazzotta (1993) relata que a educação pode se dar em classes regulares, onde o educando com necessidades

especiais é inserido nesta classe, na sala de recurso, que se caracteriza por sendo uma sala com materiais e equipamentos especializados, na qual um professor especializado auxilia o aluno especial em algum aspecto específico, que precisa para se manter nas classes regulares. Este professor tem como objetivo atender o aluno e dar assistência ao professor da classe regular. Além disso, são utilizadas também as classes especiais, onde se agrupam alunos especiais sob a responsabilidade de um professor especializado. É considerado serviço especial quando o aluno frequenta somente esta classe, e auxílio especial quando o mesmo frequenta a classe especial e a regular.

A educação especial passou por muitas transformações e é possível, analisando as mudanças históricas, observar os diferentes significados da Deficiência Mental que traz todo um preconceito da sociedade que não sabe lidar com o diferente e que às vezes não quer lidar com este diferente. Mas um grupo significativo luta pela mudança desse olhar sobre as PNEs. Mesmo esbarrado nas mais diversas barreiras, tem crescido, porém muito menos do que se esperava sob o ponto de vista da Ética e da Cidadania.

1.1 MOVIMENTOS MUNDIAIS

Muitos movimentos foram realizados em prol da Educação Especial, já que todos têm direito à educação, mas é fácil constatar que esse direito não é assegurado verdadeiramente. Dois movimentos importantes que precisam ser destacados são a Conferência Mundial Sobre Educação para Todos e a Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais.

A Conferência Mundial Sobre Educação para Todos ocorreu de 5 a 9 de março de 1990, em Jomtien, Tailândia, com 1500 participantes que analisaram em mesas redondas e sessões plenárias os principais pontos e problemas da educação para todos. Elaboraram então a Declaração Mundial Sobre Educação para Todos e Planos de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem que, de acordo com Carvalho (1997), representa uma unanimidade sobre o papel e a importância da educação, além de um compromisso para assegurar esse direito de todos os cidadãos.

A Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas, que foi realizada em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, teve como propósito reafirmar o direito de educação para todos e segundo Cardoso (2003), lutar pela inclusão das PNEs que ocorria na Europa. Implementaram a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática na área das Necessidades Educativas Especiais, que firma que os alunos com necessidades especiais tenham o mesmo acesso à escola igual às crianças sem necessidades educativas, e que suas diferenças devem ser respeitadas e assim o processo de ensino ser adaptado às necessidades da criança e não a criança ao processo. Surge, com isso, o conceito de escola inclusiva, onde inclui aquele aluno com necessidades diversas ao ensino regular e proporciona meios para que ele consiga desenvolver suas habilidades.

A Declaração de Salamanca (1994), afirma que as escolas devem se ajustar a todas as crianças e criar condições que favoreçam a educação dos alunos. Esta proposta já significa uma modificação das atitudes discriminatórias e a possibilidade de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A educação inclusiva visa promover uma reforma nas escolas com o objetivo de assegurar o direito de todos ao acesso e a participação em todas as atividades da escola. E quando se fala em todos, estão incluídos aqueles com deficiência ou dificuldades de aprendizagem, minorias étnicas e os que estão sob o risco de exclusão. A proposta da inclusão educacional das PNEs, também como toda proposta que requer mudança no modo de pensar e/ou conceber o ser humano, gera resistência.

1.2 LEIS DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO

A educação especial tem se modificado ao longo dos anos e pode ser observada acompanhando as mudanças históricas, o conceito de pessoas com necessidades especiais e as leis de diretrizes e bases da educação.

Mas o que dizem as leis de diretrizes e bases sobre a educação especial?

A lei 4.024/61 reserva dois artigos sobre esse tema:

Titulo X – Da Educação de excepcional

Art. 88º - A educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integra-los na comunidade.

Art 89º - Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais de educação e relativa à educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especiais mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções.

É fácil observar as brechas nesses artigos e muitas são as críticas feitas por inúmeros autores. Carvalho (1997) e Mazzotta (2001) concordam quando apontam falhas na interpretação. A lei garante o direito de integração, principalmente quando coloca que todos têm direito a se matricular “preferencialmente” na rede regular de ensino, mas deixa claro que só ocorrerá se for possível, isso de alguma forma quer dizer que pode não ocorrer. Mas então, que direito é esse que é garantido, mas que pode não ocorrer? Não fica claro, também, se a educação das PNEs vai fazer parte do sistema do ensino ou será mais um sub-sistema da educação. Estas lacunas é que hoje são o pior foco do qual se utilizam aqueles que não saíram do preconceito.

O artigo 89 também traz muitos questionamentos sobre a natureza dos serviços educacionais prestados para os alunos e sua eficiência.

Na lei 5.692/71 só é dedicado um artigo para o tema trabalhado:

Art. 9º - Os alunos que apresentam deficiências físicas ou mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto a idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, d acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

Neste artigo observa-se a ausência de outras categorias de doenças, como síndromes neurológicas que também necessitam de tratamento especial, e a inclusão dos alunos que tem atraso quanto à idade regular de matrícula como aluno da educação especial.

A LDB em vigor, 9.394/96 dedicou um capítulo para a Educação Especial:

*CAPÍTULO V
DA EDUCAÇÃO ESPECIAL*

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

Essa nova LDB demonstrou uma nova perspectiva sobre a educação especial, se preocupando com o aluno de modo completo, integrando-o ao meio social e abordando o papel do professor, dando melhores possibilidades para as PNEs, se aproximando do pressuposto da Declaração de Salamanca. Mas esta nova LDB ainda apresenta muitas deficiências.

Entende-se com a nova LDB que o ensino regular não é prioridade, mas preferencial. Se o educando tiver possibilidade, freqüentará o ensino regular. Podendo caso contrário freqüentar a classe especial.

Com tudo isso, a educação especial visa dar oportunidade e possibilitar o desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais e trabalhar suas habilidades e dificuldades, além de promover a inclusão desses indivíduos no meio social, pois em sua maioria são mantidos fora do convívio social.

Com a nova LDB, se faz necessário esclarecer quem são as PNEs. São educandos que em algum momento apresentam dificuldades de aprendizado e que sentem dificuldades para acompanhar as atividades nas aulas. De acordo com a LDB, as pessoas com necessidades especiais são os educandos que têm alguma necessidade no campo da aprendizagem, originadas por uma deficiência física, sensorial, mental ou múltipla, ou caracterizada como altas habilidades, superdotação, além de outras minorias excluídas. Mas, acima de tudo são indivíduos que tem potencialidades e afetividade, sendo necessário apenas um ambiente estimulador e afetivo para que ele possa se desenvolver.

As PNEs encontram na escola um espaço democrático para partilharem o conhecimento e a experiência com o diferente, e a educação especial é uma busca pela democracia e pela execução do direito à educação. Mas é importante que esse espaço seja mais que uma simples assistência, pois assim eles acabam sendo afastados, excluídos. Esse espaço deve promover a educação e a integração desses indivíduos.

A educação percorreu um longo caminho para chegar onde está, mas ainda faltam muitas ações para se colocar na prática o que já está no papel.

Ainscow (1999), apodt Mittler (2003) conceitua a educação inclusiva:

A agenda da educação inclusiva refere-se à superação de barreiras, à participação que pode ser experienciada por quaisquer alunos. A tendência ainda é pensar em “política de inclusão” ou educação inclusiva como dizendo respeito aos alunos com deficiência e a outros com caracterizados como tendo necessidades educacionais “especiais”. Além disso, a inclusão é freqüentemente vista apenas como envolvendo o movimento de alunos das escolas especiais para os contextos das escolas regulares, com a implicação de que eles estão “incluídos”, uma vez que fazem parte daquele contexto. Em contrapartida, eu vejo a inclusão

como um processo que nunca termina, pois é mais do que um simples estado de mudança, e como dependente de um desenvolvimento organizacional e pedagógico contínuo no sistema regular de ensino. (AINSCOW, 1999, p. 218)

Com isso, entende-se que a educação inclusiva é um processo lento, mas necessário. Visa promover a participação de todos os alunos no processo educacional, mas não apenas incluir o aluno em uma sala regular, e sim possibilitar seu desenvolvimento e interação com os outros indivíduos. A inclusão não deve se restringir só à escola, mas deve compreender todos os âmbitos da vida do indivíduo, permitindo sua inclusão na sociedade.

2- SIGNIFICANDO A INCLUSÃO

Com a proposta de escola para todos a partir da Declaração de Salamanca, afirmando que todas as crianças têm o direito à educação, inclusive os alunos com necessidades educativas especiais e preferencialmente em classes regulares surgiu, o termo inclusão.

Inclusão, de acordo com o dicionário de Ferreira (2000), significa compreender, abranger, inserir e introduzir. O termo incluir é entendido como compreender, abranger, envolver, estar incluído ou compreendido, além de pertencer e estar junto com outros.

Muitas são as tentativas de definir o termo inclusão. Algumas definições: Uditsky (1993) *apud* Tilstone, Florian e Rose (1998), *Um conjunto de princípios que assegura que o aluno com uma deficiência seja considerado um membro válido e necessário da comunidade escolar em todos os aspectos* (TILSTONE, FLORIAN E ROSE, 1998, p. 37). Sebba (1996) *apud* Tilstone, Florian e Rose (1998), *A inclusão descreve o processo através do qual a escola tenta dar respostas a todos os alunos enquanto indivíduo, ao reconsiderar a organização dos seus currículos, organização e meios* (TILSTONE, FLORIAN E ROSE, 1998, p. 37)

Estas definições ainda não se mostram completas e por isso, antes de tentar desvendar o verdadeiro significado da inclusão, se faz necessário percorrer o caminho da integração à inclusão.

No final da década de 60 surgiu a termo integração, mudando todo um paradigma de exclusão que existia. O que se queria com a integração, de acordo com Guimarães e Ferreira (2003) e Mittler (2003), era preparar, modificar o aluno com necessidades especiais para que conseguisse se adaptar ao meio social, com isso o aluno deveria se preparar para poder ter acesso às escolas regulares. Nesta metodologia de integração fica claro que é o aluno quem deve se adaptar àquele meio, o qual não está preparado para recebê-lo e, como afirma Gil (2002), a PNE deve ser inserida na sociedade, mas deve também estar preparada para enfrentar as dificuldades, ou seja, não é assim cobrando da sociedade que ela se adapte às PNEs.

Comparando a proposta da integração com a exclusão é possível observar um avanço significativo, mas também se observa que essa ainda não é a proposta ideal.

A questão da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino insere-se no contexto das discussões, cada vez mais em evidência, relativas à integração de pessoas com necessidades especiais enquanto cidadãos, com seus respectivos direitos e deveres de participação e contribuição social. A inclusão veio então tentar quebrar mais barreiras encontradas pelas PNEs, para garantir seus direitos como cidadão, isto é, direitos iguais para todos.

Nas palavras de Mittler (2003):

Inclusão implica uma reforma radical nas escolas em termos de currículo, avaliação, pedagogia e formas de agrupamentos dos alunos nas atividades de sala de aula. Ela é baseada em um sistema de valores que faz com que todos se sintam bem-vindos e celebra a diversidade que tem como base o gênero, a nacionalidade, a raça, a linguagem de origem, o background social, o nível de aquisição educacional ou de deficiência. (MITTLER, 2003, p. 34)

Entende-se assim que a inclusão visa incluir o aluno com necessidades especiais diversas ao ensino regular e proporcionar meios para que ele consiga se desenvolver, respeitando suas necessidades.

Com isso, observa-se que o que se pretende com a inclusão é uma reforma geral para a escola se adaptar às necessidades dos alunos, criar meios para que os alunos com necessidades especiais consigam se adaptar e vencer as diferenças, mas o que precisa ser ressaltado é que a escola, os professores, eles sim vão se adaptar às necessidades dos alunos, e assim promovendo a participação de TODOS os alunos no processo de inclusão. O que é essencial é modificar, transformar a escola regular para que possa atender à diversidade dos alunos, explica Gil (2002).

Gil (2002) afirma que a posição mais radical da idéia de educação inclusiva é que todos os alunos devem permanecer nas escolas regulares, mas é possível observar também outras modalidades de educação como instituições especializadas, salas de apoio e classes especiais em escolas regulares. E cada caso especial tem a possibilidade de escolher o melhor caminho para aquele educando. Mittler (2003) afirma que a inclusão é incompatível com as classes especiais nas escolas regulares, pois acredita que estas promovem a segregação.

Entende-se assim que os dois autores citados têm visões diferentes sobre a prática de ensino em salas especiais.

Segundo Teixeira (2003), as escolas inclusivas consideram as necessidades dos alunos e se organizam em função delas, promovendo o convívio com as diversidades e singularidades de todos, esclarecendo que é ela quem deve atender às necessidades dos indivíduos (Teixeira, 2003; Ferreira e Guimarães 2003).

Tilstone, Florian e Rose (1998), comentam que a igualdade de oportunidades na escola significa tratar com justiça e respeito as pessoas com necessidades especiais, de acordo com suas necessidades, capacidades e habilidades, sem qualquer forma de discriminação, proporcionando as oportunidades que se beneficiam na escola.

De acordo com Carvalho (2004), a idéia de educação inclusiva ainda traz muitos questionamentos. Muitos professores, quando questionados sobre a prática inclusiva, associam com as pessoas com deficiência, nunca ou raramente associando com altas habilidades, dificuldade de aprendizagem ou com a minoria excluída (negros e pobres). Muitos pais também questionam sobre a qualidade do ensino das PNEs nas salas regulares, alguns acreditam que a aprendizagem possa não ser satisfatória, já que o professor vai ficar dividido, alega também que o ensino dos alunos ditos 'normais' está ficando cada vez mais prejudicado, que estes professores não estão conseguindo trabalhar em classes ditas "homogêneas", sendo pior em classes mistas.

Ainda de acordo com Carvalho (2004), os pais dos alunos sem necessidades especiais alegam que o professor, tendo que lidar com a diversidade, com as limitações e ritmos dos alunos com necessidades especiais, prejudicará o ensino dos outros alunos.

E como relata Ferreira e Guimarães (2003), a inclusão não se limita àqueles que têm necessidades especiais, mas a todos os alunos com dificuldades e todos os indivíduos que se envolvem com o processo. O processo de inclusão traz benefícios não só para os alunos que são incluídos, mas para todos os membros da escola. O contato com alunos com necessidades especiais, faz com que as outras crianças entrem em contato com o diferente e aprendam a respeitar e lidar com as semelhanças e diferenças, atenuando-as. Carvalho (2004) afirma que as crianças aprendem a exercitar a tolerância, a paciência e o respeito pelo próximo.

Para os alunos com necessidades especiais, a possibilidade da inclusão traz muitos benefícios, pois eles vão poder se relacionar e ter uma vida mais saudável e ativa.

O relacionamento interpessoal é importante para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo. Quando o aluno especial entra em contato e desenvolve relacionamentos satisfatórios com os outros alunos, se sente acolhido e pertencente à sociedade. Este sentimento de pertença é importante para estes alunos ditos diferentes, pois se sentem iguais aos outros quando estão no meio deles.

Para ocorrer a inclusão são necessárias muitas transformações tanto físicas, proporcionando um espaço adequado, como mudanças no currículo, elaborando um planejamento individualizado de acordo com a necessidade do aluno ou até mesmo tendo um assistente de apoio à aprendizagem, tanto para planejar como para acompanhamento em sala de aula. Mas, segundo Mittler (2003), o aluno com necessidades especiais pode ser excluído quando tem em sala de aula um apoio, pois ficará sempre segregado das outras atividades e da interação com os outros alunos, já que não participa das atividades que os outros alunos executam. Porém, no documentário “O lutador” de Keplinger (2000), onde retrata a vida e a luta de um jovem com paralisia cerebral e todo seu processo educacional, observa-se que devido à necessidade especial do educando, era necessário em uma fase de sua vida escolar o acompanhamento individual de uma professora, o que proporcionou um ótimo desenvolvimento. Observa-se também que essa exclusão questionada por Mittler não acontece. Dan, o educando com paralisia cerebral tinha uma participação e uma interação com os outros alunos, em nenhum momento sendo excluído, devido à presença de uma professora o acompanhando. Com isto, entende-se que as dificuldades existem, mas elas são superáveis quando existem oportunidades e acolhimento.

Com isso, acredita-se que em alguns casos, dependendo da necessidade do aluno, vai ser necessário sim um professor em sala de aula dando assistência, mas cabe aos professores possibilitarem que o aluno com necessidade especial participe das mesmas atividades propostas para os outros alunos e se relacione com eles. Mas se a professora e a assistente não promoverem a inclusão, o bom relacionamento entre os alunos, as PNEs ficarão excluídas, não ocorrendo o processo de inclusão.

A formação dos professores é outro ponto chave do processo de inclusão, pois muitos autores como Mittler (2003) afirmam que os professores têm o direito de receber preparação e orientação durante sua vida profissional, além de apoio dos coordenadores e da escola no trabalho com as PNEs. Assim, Gil (2002) discute que o papel dos professores no processo de inclusão é de fundamental importância, pois são eles quem vão promover a integração, a interação dos alunos com necessidades especiais com os outros alunos, além de promover o desenvolvimento das habilidades dos alunos com necessidades. Muitos estudos mostram que a principal dificuldade dos professores é no que diz respeito à sua formação, muitos afirmam que não tem formação suficiente para trabalhar com PNEs. Desta forma, Gil (2002) destaca que para a inclusão acontecer, algumas variáveis são fundamentais, como a formação dos professores, sua preparação pedagógica para o fazer, mas também sua vontade, o que vai requerer todo um processo de sensibilização durante o período de formação do professor.

Com isto Mazzota afirma (1993):

A estruturação dos serviços e auxílio especiais exigem recursos humanos devidamente qualificados, currículos especializados ou adaptados à clientela a que se destina, além de recursos naturais apropriados ao desenvolvimento dos currículos. Para sua organização e desenvolvimento, um dos elementos essenciais é a formação do professor. (MAZZOTA, 1993, p 26)

Mazzotta (1993) afirma também que os professores precisam também ter conhecimento sobre as características dos diversos tipos de crianças e das modernas práticas educativas, além de motivação para este tipo de trabalho. Assim, os cursos de formação devem preparar o professor sobre a natureza e as necessidades das crianças, além das técnicas especializadas que se fazem necessárias para este trabalho. Carvalho (2004) contribui afirmando que os professores questionam que não tiveram a oportunidade de vivenciar essas experiências no curso e por isso se negam a trabalhar com os alunos com necessidades especiais, e outros profissionais até aceitam para não criar conflito com a direção da escola.

Carvalho (2004) alerta sobre as barreiras encontradas no processo de educacional de inclusão. Poucos profissionais mencionam sobre sua atitude como fator decisivo sobre a prática educativa e sobre os problemas ocorridos nesta prática. Alguns atribuem ao sistema, que não lhe oferecem justos salários nem condições necessárias para o trabalho com a diversidade. Alguns ainda localizam as barreiras nas famílias.

De acordo com Carvalho (2004), muitos profissionais localizam nos alunos as dificuldades de aprendizagem, colocando assim a culpa no aluno, eximindo-se de qualquer responsabilidade no desenvolvimento e na aprendizagem dele. Esta atitude se torna cômoda, pois desta forma os professores não precisam realizar nenhum trabalho com estes alunos. O mecanismo de buscar sempre o culpado da história mostra que, no geral, os professores não atingiram um grau suficiente de maturidade para compreender que o processo educacional não cabe em interpretações simplistas, tais como: “a culpa é do governo” ou “a culpa é do aluno que é deficiente e não aprende”. É preciso que todos tenham a noção do seu papel frente a educação, inclusiva ou não.

O trabalho com a diversidade requer mudança na ação pedagógica em sala de aula e principalmente na visão dos professores. Eles precisam sair do comodismo e se responsabilizar por este trabalho e pela educação dos alunos. Precisam se preocupar e se engajar na formação completa do educando.

Analisando tudo isso, pode-se afirmar que o elemento central para o trabalho inclusivo é a vontade que todos os professores precisam ter, é o querer desenvolver um trabalho sério e se envolver realmente com sua proposta, que é a da educação.

As escolas, em sua grande maioria, infelizmente não estão preparadas para receber o aluno com necessidades especiais e nem os professores, que como já foi destacado, não recebem uma formação adequada. Porém, estes alunos não podem ficar à espera da organização da escola, da preparação dos professores. A preparação vem com a prática, por isso os professores, a escola e todos aqueles que estão de alguma forma envolvidos com a educação precisam aceitar o desafio de trabalhar com a diversidade e acolher as diferenças.

Deve-se reconhecer os direitos dos alunos a uma total participação em todos os aspectos da educação e a preparação para uma vida independente.

Assim como afirma Sasaki (1997), a necessidade de se construir um sistema educacional de qualidade para todos, exige uma forma de atuação diferenciada por todos aqueles que trabalham na educação. A quebra de estereótipos e preconceitos é ponto de partida para a construção de uma escola inclusiva. A colaboração, cooperação e participação de todos envolvidos no processo educacional (pais, professores, alunos, coordenadores

pedagógicos, diretores, comunidade, etc) na tentativa de mudar os papéis e delegar responsabilidades, tornando o ambiente educacional mais flexível e amplo, são alguns dos objetivos pretendidos com este processo.

A idéia de incluir tem sido satisfatória para os pais, educadores e sociedade, pois visa uma democracia e a igualdade. Mas, apesar da proposta da educação inclusiva ser vista com bons olhos, a prática ainda encontra muita resistência.

3- O QUE É SÍNDROME DE DOWN

De acordo com Telford e Sawrey (1988), a Associação Americana para a Deficiência Mental define o retardo mental como um funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média e um déficit no comportamento adaptativo, que se manifesta durante o período de desenvolvimento. Afirma ainda que esse prejuízo pode assumir a forma de retardamento maturacional, onde se observa um atraso na aquisição de aptidões como andar e interagir com membros semelhantes; deficiência na aprendizagem, acarretando um desempenho acadêmico insuficiente e ajustamento social inadequado. Fleming (1988) contribui afirmando que são muitas as causas do retardamento mental, mas que também não existe uma causa única.

A Síndrome de Down é uma das síndromes mais freqüentes do retardamento mental grave. Telford e Sawrey (1988) afirmam que 10 a 20% das crianças com retardamento mental grave pertencem a este quadro.

Esta síndrome é resultado de uma alteração numérica dos cromossomos, os indivíduos com esta síndrome possuem 47 cromossomos ao invés de 46, então ficou determinado que esta síndrome está associada a um cromossomo extra (trissomia) no par numero 21. Otto (1998) explica que possuem três tipos de desvios cromossômicos: a trissomia do cromossomo 21, que é resultado da não-disjunção e é um distúrbio genético, mas não herdado, que tem relação com a idade avançada da mãe (concepção mais antiga); translocação de um cromossomo que envolve a ligação de um cromossomo extra de numero 21 a outro cromossomo, e geralmente ocorre em filhos de pais mais jovens; e um outro mais raro é o mosaïcismo, que é menos freqüente, onde ocorre duas linhagens no mesmo individuo, uma normal e outra trissômica quanto ao cromossomo 21.

Werneck (1992) afirma que a Síndrome de Down pode ser classificada como leve, moderada, severa ou profunda e as causas podem variar desde uma alteração cromossômica, até infecções que afetam a gestante como rubéola e sífilis, desnutrição materna, uso de tóxico e meningite.

As principais características da Síndrome de Down de acordo com Otto (1998) são o achatamento facial, nariz pequeno, olhos com pregas interna e fendas oblíquas com ângulos

externos elevados, cavidade bucal pequena, língua com crescimento normal, mas apresentando fissuras grosseiras, e geralmente ela fica fora da boca. Possuem também orelhas pequenas, pescoço curto e largo, estatura baixa e mãos e dedos curtos. A musculatura geralmente é hipotônica. Os homens são estéreis e as mulheres apresentam hipogonadismo e amenorréia primária. Quando a mulher se torna mãe, metade de seus filhos são afetados pela síndrome.

De acordo com Sampedro, Blasco e Hernández (1997), o indivíduo com Síndrome de Down precisa de mais tempo para permanecer atento para o que pretende e tem dificuldade de transferir de um aspecto para outro do estímulo, isto implica a necessidade de uma forte motivação para que se mantenha interessado. Algumas características desta síndrome e que podem ser um obstáculo no desenvolvimento é a apatia, a teimosia, a fatigabilidade e o curto tempo de atenção.

Werneck (1992) completa algumas características, afirmando que geralmente as crianças com Síndrome de Down nascem com estatura e peso abaixo do normal, são bochechudos e tem os olhos em forma de amêndoas com uma distancia grande entre um olho e outro.

Otto (1998) e Telford e Sawrey (1988) apresentam que o coeficiente intelectual médio desses indivíduos varia entre 20 a 50. Mas ressaltam que eles são capazes de serem educados, alfabetizados e executarem tarefas manuais. Entre outras características, pode se observar a capacidade de imitação que eles possuem, e que são bastante joviais, afetuosos, brincalhões e cooperativos.

Sampedro, Blasco e Hernández (1997) comentam que o objetivo da prática educativa é desenvolver afetivamente e socialmente o indivíduo, e deve ser seguida de uma aprendizagem social continua no contexto familiar social e escolar. Com isso, percebe-se a necessidade destes indivíduos de serem incluídos e freqüentar a escola.

A integração e interação é abordada por Pueschel (1993), quando comenta que se deve proporcionar para estas pessoas experiências normais para formação de amizade e de relacionamentos interpessoais com outras pessoas. A escola e a família devem auxiliar nesse desenvolvimento de relacionamentos, oportunizando encontros com outras pessoas. Assim,

ele afirma: *os relacionamentos humanos amigos e contínuos resultantes, que são vitais para todo ser humano, também serão profundamente gratificantes para as pessoas com Síndrome de Down e uma importante dimensão em sua felicidade* (PUESCHEL, 1993, p. 290).

As pessoas com Síndrome de Down possuem uma aparência semelhante, mas as características citadas acima podem ocorrer em alguns indivíduos e em outros não, além de se manifestar em graus diferentes. Com isso, pode-se entender que a Síndrome de Down não deve ser compreendida como uma padronização, pois cada indivíduo vai reagir de maneira diferente, de acordo com sua história, com sua relação com o mundo que vive. Werneck (1992) afirma que o grau da deficiência vai variar de indivíduo para indivíduo, mas é difícil dizer o que vai determinar até onde ele pode ir. Não se deve limitar as expectativas sobre o desenvolvimento do indivíduo com esta síndrome, pois quando o indivíduo com Síndrome de Down tem um atendimento adequado, de estimulação desde cedo, pode desenvolver um potencial cada vez maior, chegando até a independência.

Segundo Werneck (1992), a Síndrome de Down às vezes não é identificada cedo, quando não se faz os exames necessários, mas a partir dos seis meses as características citadas acima ficam mais evidentes.

Hoje, com toda a tecnologia, com a informação, os cuidados com estes indivíduos foram se tornando cada vez melhores. De acordo com Werneck (1992), antigamente se falava que a expectativa de vida deles ia até os nove anos, hoje estudos comprovam que eles vivem até os cinquenta anos e 20% da população com essa síndrome alcançam os sessenta e oito anos. Mas a preocupação que se deve ter hoje é com a qualidade de vida, para que eles vivam cada vez melhores e se sintam realmente parte da sociedade.

Werneck (1992) argumenta que depois do diagnóstico feito, os pais devem se preocupar com a estimulação desde os primeiros meses de vida da criança. A APAE - Associação de Pais e Amigos Excepcionais - é um grande centro de estimulação que pode ser encontrado em todos os estados do país, e que tem muito a oferecer a estas crianças. Mas é importante ressaltar que uma estimulação sem vínculo, sem amor e carinho não levam a lugar nenhum. Os pais, a família precisa dar afeto e aceitar esta criança, que precisa se sentir amada e aceita. O afeto junto com um trabalho de estimulação sério só traz benefício à criança e ao seu desenvolvimento. A estimulação deve proporcionar a integração progressiva ao meio e à

vida social do indivíduo. Sampedro, Blasco e Hernández (1997) comentam que o programa de estimulação deve abranger todas as áreas do desenvolvimento, como a psicomotricidade fina e grossa, linguagem e comunicação, socialização e autonomia pessoal, desenvolvimento afetivo e cognitivo.

A apresentação do diagnóstico não é fácil para os pais e muitas vezes as famílias passam pelo luto, pela raiva, pela culpa. São muitos os sentimentos envolvidos quando se recebe um diagnóstico desse, mas os pais precisam elaborar seu sofrimento, chorar, conversar e se reestruturar para aceitar incondicionalmente essa criança.

Sampedro, Blasco e Hernández (1997) enfatizam o papel dos pais no processo de desenvolvimento:

A criação de um clima familiar e afetivo adequado repercutir-se a positivamente no desenvolvimento da criança, cujas condições serão muito favorecidas se forem evitadas a superproteção, ansiedade e rejeição e houver uma implicação ativa dos pais na sua educação. (1997, p. 247)

Assumpção e Sprovieri (1991) também abordam a importância da família como fator de influência na formação da personalidade, pois é o primeiro ambiente que recebe o indivíduo.

Outras doenças estão associadas à Síndrome de Down. Werneck (1992) lista algumas delas: a doença de Alzheimer, que causa um comprometimento mental progressivo, atinge 50 % da população com síndrome de Down, a calcificação da glândula basal e a epilepsia também são comuns à esta síndrome. Em média 48% desses indivíduos apresentam cardiopatias congênita operáveis, são suscetíveis também a distúrbios do aparelho digestivo, os meninos apresentam pênis relativamente pequeno e saco escrotal pouco desenvolvido e muitos tem predisposição a infecções no aparelho respiratório. Apresentam infecções de pele, e esta se apresenta áspera e seca, é preciso um cuidado com as vacinações devido ao alto índice de infecções, e com as doenças de gengiva e o alto índice de cáries. Podem apresentar problemas nos pés e quadris devido a uma frouxidão de ligamentos, e estudos comprovam que 70 % desses indivíduos apresentam miopia e 50% estrabismo. Faz-se necessário ressaltar que estes problemas de saúde são comuns aos indivíduos com esta síndrome, mas podem aparecer ou não nos indivíduos com Síndrome de Down.

O atraso na aquisição da fala é um dos maiores problemas da Síndrome de Down. Pueschel (1993) afirma que as crianças com Síndrome de Down podem apresentar maior dificuldade para aprender a linguagem e a se comunicar com clareza do que as outras crianças e isso pode ocorrer, pois essas crianças apresentam com frequência perda auditiva e problema no controle da respiração. Mas, além disso, o preconceito, o rótulo que as pessoas colocam nesses indivíduos, achando que eles não são capazes, que não vivem muito e por isso não é preciso uma preocupação e um incentivo na sua aprendizagem, faz com que esses indivíduos fiquem jogados à margem da sociedade sem uma interação, sem uma comunicação.

A compreensão é atrasada em relação a uma criança sem a síndrome e possui também dificuldades em tudo o que exige operações mentais de abstração, operações de síntese, organização do pensamento, da frase, na aquisição de vocabulário e na estruturação morfosintática, contribui Sampedro, Blasco e Hernández (1997).

Mas a linguagem é essencial para todos os indivíduos, inclusive para os indivíduos com Síndrome de Down. Schwartzman (2003) afirma que para as crianças com Síndrome de Down *dizer é tão urgente e essencial como para qualquer um de nós* (SCHWARTZMAN, 2003, p. 206).

Essas crianças vão se utilizar da linguagem verbal e não-verbal para interagir com o mundo, pois o que desejam é se comunicar, interagir e se constituir como sujeito. Devido a esse atraso a estimulação deve ocorrer desde cedo, proporcionando a comunicação e a interação. Assim, Pueschel (1993) relata que a partir das experiências, das atividades, dos objetos, das pessoas, é que a criança tem a possibilidade de construir suas habilidades comunicativas, ampliando seu mundo e organizando-o por meio da linguagem.

A atividade sexual dos indivíduos com Síndrome de Down é sempre muito discutida, mas o desenvolvimento sexual destes indivíduos é igual ao de qualquer adolescente. E será necessário receber todas as informações sobre as transformações que estará passando e sobre os cuidados que devem ter nessa fase. Eles namoram, se casam, só precisam de uma supervisão para que encontrem relações satisfatórias. (PUESCHEL,1993)

Muitas pessoas falam que os indivíduos com Síndrome de Down possuem uma sexualidade exacerbada, mas o que se pode observar é que na verdade eles não têm tabus e

não se reprimem, e sim demonstram o que sentem, falam o que pensam e às vezes surpreendem a sociedade e as pessoas com quem se relacionam. A sociedade impõe regras, normas moralmente corretas, estabelecendo como os indivíduos devem se portar, mas os indivíduos com Síndrome de Down não têm a noção do que é moralmente correto, em sua cultura, e com isso, não reprimem o que sentem. Mas é importante destacar que a família deve esclarecer algumas condutas relacionadas à sexualidade e transmitir informações acerca do tema. Pueschel (1993) confirma que sexualidade e casamento são temas que precisam ser discutidos com os jovens com Síndrome de Down.

Assumpção e Sprovieri (1991) afirmam que o indivíduo com a síndrome estudada pode ter uma vida sexual normal e ativa, porém alguns estudos mostram que há uma incapacidade de manutenção de relacionamento e criação de filhos.

Pueschel (1993) afirma ainda que na adolescência os jovens com a síndrome têm maiores dificuldades de se relacionar, pois as diferenças se tornam mais evidentes entre as crianças com síndrome e as que não tem. Por isso, é importante transmitir encorajamento, ajudar a sentir seu valor próprio e estabelecer amizades e socialização. Deve-se incentivar o cuidado com a aparência, com a higiene pessoal, pois são fundamentais para a aceitação na sociedade.

É importante destacar também que os jovens com Síndrome de Down têm desejos iguais aos dos outros jovens, de serem aceitos, valorizados pela sua singularidade, capazes de participar em interações. E por isso devem ser tratados como todos os outros os indivíduos.

A Psicologia ressalta a preocupação que se deve ter em desenvolver as inter-relações do indivíduo com esta necessidade especial, e em todos os indivíduos, pois é de fundamental importância para sua formação. Del Prette (2001) comenta que grande parte da vida ocorre nas interações com o outro e aqueles que evitam o contato social, isolando-se, estão mais propensos aos problemas psiquiátricos.

Com isto, Brazelton (2002) enfatiza: *Os relacionamentos emocionais interativos, são importantes para muitas de nossas habilidades essenciais, intelectuais e sociais.(p.25)* Entende-se então, que a partir de relacionamentos saudáveis e seguros as crianças aprendem a desenvolver seus próprios relacionamentos com crianças e adultos, além de comunicar o que sentem e o que desejam, e ainda, de se comportarem de maneira adequada.

O indivíduo com Síndrome de Down pode trabalhar e, como afirma Pueschel (1993), o trabalho permite que ele adquira um valor próprio e um sentimento de que está contribuindo com a sociedade. E representa uma chance de provar para si mesmo e para a sociedade que são indivíduos capazes. Eles são capazes, e podem sim alcançar uma vida com independência, e o que se deve oferecer é treinamento, informações e estudo para eles desenvolverem suas habilidades para viverem melhor e interagir com o mundo. Mas a sociedade deve também se empenhar para desenvolver maneiras de tornar as vidas das pessoas com Síndrome de Down mais significativas.

4- ESTUDO DE CASO

O presente estudo irá apresentar o caso de A. G. P., um adolescente com Síndrome de Down. Primeiro será apresentado um relato sistematizado para esclarecer o caso, apresentando as atividades e características do sujeito estudado, além de observações e entrevistas que possibilitem um conhecimento mais aprofundado. Depois, uma reflexão buscando contribuir para uma melhor compreensão do quadro de ensino e aprendizagem e do processo de inclusão.

4.1) DESCRIÇÃO DO CASO:

A. G. P. tem 12 anos, mora com os pais e duas irmãs mais velhas.

Ele é descrito pela família como uma pessoa amável, divertida e que adora música e filme. Mas observaram que ultimamente ele tem se isolado, ficando mais tempo no quarto, sem querer descer e sair, mas eles não conseguem relacionar com algum evento específico. A família relata: *Um downzinho muito sapeca, carinhoso, gostoso...Que a gente ama muito (C.H.F.P.), (...) uma maravilha que Deus me deu, me sinto tão realizada com o meu filho, é uma criança maravilhosa... (G.G.P.), É uma pessoa muito especial (C. G. P.). Super, ultra, mega amoroso, feliz da vida. (P.G.P.).* Com isso, observa-se que ele é muito querido pela família.

Seu processo educacional ocorre da seguinte forma: freqüenta a Escola Classe na Asa Sul, de terça a sexta, e na segunda freqüenta a Escola Parque na Asa Sul, pela manhã. No período da tarde, terça e quinta faz natação individual e segunda, quarta e sexta freqüenta uma clínica particular de estimulação.

A. realiza suas atividades de vida diária (AVDs) de forma independente, mas o pai relata às vezes o ajuda com o “intuito de protegê-lo” (sic). O educando tem uma preocupação com a aparência e se cuida.

Seu relacionamento com seus familiares é muito bom e ele tem um apego maior pelo pai, se mostrando sempre preocupado com este. Mas foi relatado também que após um

incidente no prédio onde moram, hoje o adolescente tem uma rejeição por criança, se relacionando melhor com adultos, pois estes o respeitam e entendem suas dificuldades.

Segundo relato literal da irmã:

Muitas vezes ele é agressivo, quando ele vê que alguém não está tratando ele bem ele fica agressivo, e às vezes ele para de falar com a pessoa, ignora. Igual aqui no bloco, as crianças começaram a ignorar ele, a ficar rindo dele, da fala dele, e aí acabou que ele sentiu que as crianças não estavam tratando ele bem e ele simplesmente parou de descer, não quer descer, não há quem faça ele descer. (C. G P)

Foi possível observar em todas as entrevistas que o educando não tem se sentido bem ao lado de crianças, mas que com as outras pessoas, em geral, se relaciona bem. Porém, na Escola Parque que o educando frequenta, observou-se que ele interagiu com as outras crianças no intervalo, brincando e se divertindo, apesar de algumas crianças rirem dele, ensinar gestos pejorativos, se aproveitando da falta de compreensão de A..

A partir das entrevistas realizadas foi possível observar que o adolescente foi bem recebido pelos pais e pelas irmãs, o pai foi quem apresentou mais resistência. A gravidez foi casual e a mãe tinha 38 anos. A mãe relata que ficou sem ação e que o pai entrou em desespero, chorou muito, ele ficou surpreso, e como já tinha um primo de segundo grau com Síndrome de Down, conhecia a síndrome. Como relata o pai:

Mas foi um baque, você receber a notícia que seu filho não é perfeito, que não vai ser normal, que vai ter uma deficiência. G. já foi mais tranqüila, disse 'mas ele é bonitinho', e quando eu vi, ele é bonito mesmo...Eu fiquei meio assustado no início, mas depois foi mais tranqüilo. (C. H.F.P.)

Logo após a confirmação do diagnóstico, A. começou o trabalho de estimulação, que faz até hoje.

A gestação foi tranqüila, apesar da mãe ter tido uma ameaça de aborto. Mas, segundo ela, este fato ocorreu em todas as três gestações que ela teve, sendo assim um fato normal. Como os pais têm sangue O- e A-, a criança teve icterícia, com isso precisou de alguns cuidados, tomando banho de luz. Além disso, ele necessitou de incubadora, pois o leite da mãe era “fraco” (sic) e não estava sustentando a criança.

O desenvolvimento psicomotor foi normal, ocorrendo todas as fases na idade correta, fato este justificado pela mãe devido ao trabalho de estimulação realizado desde os 15 dias de vida da criança. O desenvolvimento psicomotor de A. é avaliado como satisfatório pelos profissionais que acompanham o educando estudado. A família avalia que seu desenvolvimento foi bom e até mais do que esperavam, pois os médicos falavam que ele teria muitos problemas e hoje está muito bem. A principal limitação do adolescente é a fala, ele se comunica, mas da maneira dele.

Hoje A. apresenta muitos “tiques” e rói unha. De acordo com a mãe, ele já teve muitos tiques e em cada época ele se fixa mais em alguns, agora ele anda sorrindo sozinho e mexendo a cabeça. Ela acredita que, como o educando estuda em uma classe especial e tem uma colega com Autismo, ele pode estar “imitando” (sic) a colega. Pela observação feita durante a pesquisa, a autora não percebeu tal processo de imitação.

O adolescente teve uma infecção no ouvido e fez duas cirurgias devido o problema. Ele necessitou colocar um “carretel” (sic) no ouvido, fez tratamento, mas ficou com seqüela, porém, insignificante. Sua irmã do meio também apresentou o mesmo problema.

A. é um adolescente que não apresenta um quadro de muitas doenças, quando era pequeno teve três pneumonias, mas tomou vacina e nunca mais teve. Há dois anos ele começou a apresentar um problema de pele, uma infecção, o sistema imunológico abaixa e aparece essas infecções, que são muito perigosas, pois podem passar para o sangue e atacar os órgãos, e se atacar o coração, pode morrer. No ano passado A. se mostrou muito desanimado, sonolento, cansado e muito triste, pois estava com um problema na tireóide, mas hoje ele toma medicamento adequado e está com as taxas dos hormônios normais. Ele já fez uma cirurgia de hérnia, faz uso de óculos, mas seu grau é baixo. Faz também acompanhamento com pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, fisioterapeuta, neurologista, infectologista, terapeuta ocupacional e fonoaudiólogo.

O educando se alimenta bem, tem uma alimentação variada e moderada, pois ele tem uma preocupação em não ficar gordo. Fez uso de mamadeira bem cedo, pois a mãe não tinha leite suficiente. Seu sono não é tranquilo, com frequência acorda no meio da noite, às vezes baba e pula. Tinha sudorese quando estava com as taxas hormonais alteradas.

O adolescente não faz amigos com facilidade, quando as crianças o rejeitam ele agride. As irmãs relataram que ele sente quando as crianças estão o rejeitando ou riem dele e, como forma de se proteger ou de se defender, ele agride. Quando estava mais novo ele descia, brincava de bola, de corrida, mas agora que se recusa a descer. Ele permanece no quarto ouvindo musica e assistindo filme sozinho, sua diversão é ouvir música. Quando ele sai com seus pais, se comporta muito bem, segundo o relato dos pais, ele se comporta como um adulto, sem dar trabalho algum. Com os professores ele se relaciona bem.

Os pais dão muita importância para a formação acadêmica do adolescente e o objetivo é que ele aprenda as atividades sociais para ter uma vida independente. Ele entrou na escola na idade normal, com quatro anos. Ele estudou primeiro em uma escola particular regular da Asa Norte, entrou no Jardim I e ficou lá três anos. Lá ficava com uma professora e uma estagiária, que a ajudava. O pai pagava a estagiária, pois a escola exigiu, mas não deu certo. Depois desta escola, ele foi para uma Escola Classe na Asa Norte, para a educação infantil e depois para outra Escola Classe. Nesta escola ele ficava em uma turma regular, mas reduzida e o atendimento com ele era bom. A irmã afirma que A. teve um rendimento muito satisfatório nessa escola, tinha um relacionamento bom com todos e era bastante ativo. Ele ficou até a 1ª série, onde ele repetiu, ficou quatro anos e meio nessa escola. Na época o médico o diagnosticou como hiperativo. Com isso, a escola achou melhor ele ir para uma Escola Especial, para que ele tivesse um tratamento mais especializado. Os pais não queriam mudar a criança de escola, mas após muita conversa a escola convenceu-os, pois achavam que se A. ficasse um semestre na escola especial ele melhoraria muito.

Os pais relatam que depois que o educando foi para escola especial, onde ficou um ano e meio, regrediu muito. As classes são só de alunos especiais, com três a quatro alunos em cada classe, mas o maior problema, de acordo com os pais, era a falta de professor. Em um ano e meio ele teve oito professores e, além disso, os pais descobriram que uma das professoras não desenvolvia nenhum trabalho sério com A., colocava ele em um colchão para ele dormir ou para assistir filme. Com isso, os pais começaram uma briga com a Secretaria de Educação para retirar seu filho da escola. Todo este fato está confirmado no laudo final do aluno, onde afirma sua regressão. O pai relata que A. passou por muitos professores, professores terceirizados e ainda denuncia a má administração da escola.

Apesar de tudo isso, não foi fácil para trocar o educando de escola, mas quando isto aconteceu ele foi transferido para uma Escola Classe na Asa Sul, onde tem aula em uma sala especial com uma professora com muita experiência nesta área. Mas o pai comenta que a classe especial, tendo 15 alunos, onde cada aluno tem uma síndrome, dificulta o trabalho. Mas ele conseguiu que a turma fosse reduzida para sete alunos, contribuindo para o trabalho do professor. Ele ainda relata que muitos professores também acreditam que realizar um trabalho com alunos com diversos tipos de síndrome é bem difícil.

Destacando a importância da educação inclusiva para o pai de A.:

Por um lado eu acho muito importante, por outro...Tudo depende da maneira como ela é feita, porque dependendo da criança, ela terá muito ganho. Por isso que tem que ter sempre a inclusão, mas tem que ter também a classe especial. Porque tem criança que não tem condição de ir para a inclusão, e eles querem acabar com a classe especial de todo o jeito, o objetivo é só a inclusão e pronto. Porque eles alegam que a criança fica excluída, mas tem criança que não tem condições de ir para a inclusão, porque ela não vai ter ganho nenhum e ainda vai prejudicar a sala. E sempre na inclusão tem que ter mais um professor para auxiliar o titular, porque esse negócio de colocar um professor só cuidando de uma sala com 20 alunos e mais uma ou duas crianças especiais, o sistema está cuidando, por um lado, da não exclusão da criança, mas por outro não se preocupa com a qualidade do ensino, não quer gastar dinheiro com mais um profissional dentro da sala de aula. Por isso o ensino fica comprometido. Está preocupado porque está resolvendo um problema que existe, mas não quer gastar, aí fica complicado.

Antes uma sala especial tinha até oito alunos. Depois, eles alteraram, era até 12. Hoje, já são até 15 alunos. Eles ficam muito preocupados com os gastos, mas e a qualidade? Eu fico preocupado com isso.(C.H.F.P)

Com isto, pode-se observar que os pais têm uma preocupação e um envolvimento com os estudos de A.

Na sala especial onde o adolescente estuda tem três crianças com hiperatividade, mais um com Síndrome de Down, uma autista com baixa visão e uma garota com uma deficiência mental leve. Segundo a professora desta classe, o educando em questão está mais tranquilo, se isola bastante, está muito fechado e se recusa a falar e a participar das atividades com frequência. Sua avaliação sobre o rendimento de A. é que ele estagnou, ele só faz as atividades quando ela está ao lado, afirma que ele está fechado para muitas atividades que ela propõe. Em sala são desenvolvidas atividades com alfabeto móvel, jogos, trabalhando no concreto e principalmente tentando dar autonomia às crianças, trabalhar a oralidade e descobrir a habilidade de cada aluno para assim desenvolvê-la. Para ela, A. ainda está aprendendo o alfabeto e não aprendeu seu nome, mas sim foi treinado a entender o nome e a

escrever, mas com isso acaba esquecendo e trocando as letras, já que na verdade não aprendeu nada.

A falta de socialização de A. está preocupando a professora, ele não se relaciona com os colegas, apesar de ter uma boa relação com ela. Ela entende que a tireóide, a idade e a sexualidade talvez esteja influenciando neste isolamento, mas acredita que não é um fato bom para o desenvolvimento dele, questionando o envolvimento dos pais no processo de socialização e a importância de tarefas com pessoas da idade dele.

A idéia de inclusão para a professora de A.:

Inclusão é quando aquela escola, aqueles professores, está tudo pronto para receber aquele aluno, quando eu tenho condições de prestar um atendimento verdadeiro e real a essa criança. Na minha concepção não é a criança que tem que estar preparada tem que haver pessoas e espaços preparados. (G.C.)

Ela ainda afirma que a escola e os professores precisam estar preparados e para isso o governo precisa dar condições de aplicação e contextualização. Relata ainda que uma sala com tanta diversidade não favorece o trabalho, deste modo não tem como realizar um trabalho personalizado.

Esta escola é considerada inclusiva parcial, pois como explica a professora G., a instituição tem como objetivo fazer uma ponte entre o centro especial e a classe regular, e a grande vantagem é que ele está em uma escola regular, podendo assim ter um convívio com as outras crianças. E, além disso, o objetivo da classe especial é trabalhar algumas necessidades fundamentais do aluno para que em algum momento ele seja incluído na classe regular.

Segundo a professora, A. tem dificuldade de auto-percepção, característica esta que se desenvolve gradativamente na criança, sendo que neste caso esta característica ainda está sendo formada, ou seja, a noção de si mesmo, do que deseja fazer ou não fazer, da importância da escola para sua vida. Isso tudo poderá ser despertado em A. desde que seus interesses e habilidades sejam levados em consideração. Outra limitação muito significativa é a oralidade, pois influencia na construção de palavras e na compreensão. Outra limitação

muito significativa identificada pela professora é a oralidade, pois influencia na construção de palavras e na compreensão delas.

A partir da observação realizada foi possível constatar que realmente o trabalho na classe especial é difícil, pois são muitas exigências a serem cumpridas. Observou-se que quando A. chegou na sala ele se manteve um tempo parado, sem participar e só realizava o que era pedido quando a professora explicava com mais calma e ficava ao seu lado por um tempo.

A professora G. afirma também que para se realizar um trabalho sério com esses alunos, o que é mais importante é gostar do que se faz, ter um conhecimento e uma experiência, além de acreditar no potencial do aluno.

O adolescente frequenta também uma Escola Parque na Asa Sul todas as segundas-feira. Lá ele tem aula com alunos de terceira série com idades entre oito e 13 anos. Apesar de não ter tido muito acesso e uma boa receptividade, foi possível observar a falta de interação, pois A. passou a maior parte do tempo sentado, isolado, sem participar das atividades, e quando a professora o chamava ele se negava a participar e se mantinha sentado sem fazer nada. Nesta escola, A. tem aula de música, teatro, artes plásticas e educação física, na aula de artes plásticas ele realizou uma das tarefas após a professora passar as instruções com clareza de forma individual, mas se sentou isolado enquanto os outros alunos sentaram-se em grupo. Porém, de acordo com a professora, ele prefere sentar sozinho e quando é obrigado a fazer atividades com os outros alunos é agressivo.

Todas as professoras relataram que sua participação era boa. Mas o que se pode observar é que só na aula de educação física o educando interagiu, participou, se mostrando feliz e motivado, mas em todo o momento a professora exigiu a participação dele e explicou a atividade, fazendo com que todos os alunos o esperassem. Mas, de acordo com a professora, este fato não ocorre com frequência e assim relata:

Ele nem sempre participa, hoje foi o melhor dia dele em dois anos que ele está comigo. Eu nunca tive uma aula assim, eu estou impressionada, não sei se é porque você está aqui, mas hoje ele participou, foi ótimo”.

Tem aula que ele não quer participar, sai correndo pelo pátio e alguém tem que ir atrás dele. E às vezes as crianças se irritam também, não gostam de esperar e isso prejudica. Mas hoje foi ótimo, eu estou assim impressionada.

No intervalo da aula o adolescente ficou sozinho, não quis lanchar, mas depois de uma professora chamá-lo e leva-lo ao refeitório ele lanchou, mas ficou isolado e depois ficou olhando algumas crianças brincarem. Nas aulas A. não interagiu *com* ninguém e nenhum colega se dispôs a fazer dupla com ele quando era necessário. A interação com as professoras também foi pouco percebida.

Como já foi exposto, o adolescente realiza um trabalho de estimulação em uma clínica no Lago Norte há oito anos, onde faz diversas atividades acompanhado por pedagogas, fisioterapeuta, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional e psicóloga. Os profissionais entrevistados relataram que A. está muito passivo, sem ânimo e até mesmo apresentando um retrocesso no seu desenvolvimento. Pode-se observar que A. estava bastante disperso, desinteressado e sem motivação durante as sessões. Nas duas primeiras aulas estava bastante sonolento e com muita dificuldade de responder às atividades, porém em todas as atividades propostas o adolescente era muito lento para responder ou não respondia, levando muito tempo para realizar uma atividade.

Na pedagogia é trabalhada a leitura, escrita, compreensão e interpretação, Foi relatado pela pedagoga que A. tem dificuldade de ler e transpor para o papel devido a dificuldade na fala, afirmou também que ele demora para realizar a atividade e por isso a pouco tempo ele passou a realizar algumas atividades com outro garoto com Síndrome de Down para um incentivar o outro, além de criar uma amizade. A pedagoga relatou que A. chega a dormir em algumas aulas e a partir da observação foi possível constatar que A realmente se comporta de maneira sonolenta e sem motivação para as tarefas propostas, demorando a executa-las e às vezes nem as realizando.

Na terapia ocupacional é trabalhada a coordenação motora fina, força muscular, esquema corporal, coordenação visiomotora, além de treinar atividades da vida diária como vestuário, e higiene pessoal. Foi relatado também que o educando esta mais lento para realizar as atividades, mas coopera e participa. Avaliam também que ele está mais recatado, fechado, se isolando, diferente de como se comportava antes, mas não conseguem ligar a nenhum fato específico. Mas ele se relaciona bem com todos os profissionais da clínica, sendo descrito como carinhoso e afetuoso.

No reforço escolar A. resolve os deveres de casa passados pela escola. A profissional relatou que A. está tendo muita dificuldade, até em coisas que ele já sabia, desaprendendo o que já sabia. Na fonoaudióloga, o educando trabalha ritmo, memória e entonação, mas de acordo com ela não se tem tido progresso nesta área, pois ele se apresenta muito lento e sem ânimo para as tarefas.

Já na fisioterapia é realizado um trabalho muscular, postural, com o objetivo de prevenir deformidades, pois o adolescente tem hipotemia muscular. Mas, apesar disso, percebe que ele tem um desenvolvimento psicomotor bom, porém, mais uma vez é relatado que A. tem se mostrado desinteressado, passivo, sendo necessário estar sempre o motivando, cobrando, incentivando e impondo limites.

A partir de entrevista realizada com o dono da clínica onde A. faz estimulação, pode-se constatar mais uma vez que este teve uma estagnação no seu desenvolvimento e tem se mostrado triste. De acordo com este profissional a clínica fornece a base, mas é fundamental um trabalho conjunto com a escola e a família, além de desenvolver a socialização dele. Com isso, este questiona a urgência de uma participação da família, a construção de um vínculo mais forte, além de ampliar seu ciclo social. Como todos os outros profissionais desta clínica, ele questiona que o psicossocial foi abalado, mas também não sabe o que ocorreu. Em todas as atividades observadas, pedagoga, reforço escolar, fonoaudióloga, fisioterapeuta, terapia ocupacional A se mostrou sem interesse e com muita dificuldade de realizar as tarefas.

Nas terças e quintas A. faz natação individual, onde é realizado um trabalho de desenvolvimento psicomotor relacional. De acordo com o instrutor, A. tem um desenvolvimento psicomotor bom e sua principal dificuldade neste trabalho é a respiração, mas expõe que A. está mais confiante e seguro. A partir da observação feita, pode-se afirmar que o adolescente se mostrou interessado e afetuoso com o instrutor de natação.

A partir de todo o esclarecimento do caso estudado, é interessante ressaltar as expectativas da família para o futuro de A.:

A nossa grande preocupação com o estudo, com a escola, é ele aprender a ser independente, ele se virar. No básico, ele já sabe...Até ele vir a ter o emprego dele, esse é

o objetivo. Agora ele está na natação, para futuramente ele competir nas paraolimpiadas.(C.H.F.P.)

É ver meu filho se virar sozinho, ser independente (G.G.P)

(...) que ele consiga um emprego para ele, que ele tenha muitos amigos, que ele consiga ser independente, porque eu tenho certeza que ele vai ser porque ele aprende as coisas muito rápido também. E .. que ele seja muito feliz. (P..G.P)

Eu espero que ele vá conseguir arranjar uma menina com Síndrome de Down bem bonitinha.(...) Em relação a ter nível superior, eu não espero nada, porque eu acho que é muito difícil. Mas ele adora música, adora dançar, adora fingir que é DJ. (...). Acho que vai ser tipo isso, vai se envolver com a área das artes vai seguir por esse caminho. (P.G.P)

Com tudo isso, pode-se compreender que A. é um adolescente saudável e que de forma geral tem um bom comportamento e um bom relacionamento com as pessoas, sendo mais difícil com crianças. Porém foi identificada a necessidade de uma maior interação com outras crianças, favorecendo seu desenvolvimento. Foi observado também que o adolescente está passando por algumas transformações, se isolando nas relações com os outros indivíduos e apresentando um déficit no seu desenvolvimento intelectual.

Sua vida escolar foi marcada por muitas dificuldades e alguns sucessos. Mas foi observado por todos os profissionais que convivem com o educando, que ele está se comportando de maneira desmotivada e que houve uma regressão no seu desenvolvimento.

Com isso, entende-se que A. necessita urgentemente de relações mais sustentadoras e íntimas, além de um trabalho sério que possibilite desenvolver suas habilidades.

4.2) ANÁLISE REFLEXIVA:

A partir da análise do caso e de uma revisão bibliográfica pretende-se discutir o processo de inclusão do sujeito apresentado anteriormente.

Como já foi apresentado no capítulo “Significando a inclusão”, a proposta da educação inclusiva é incluir o aluno com necessidades especiais diversas ao ensino regular e proporcionar meios para que ele consiga se desenvolver (Sasaki, 1997). Mas, para isto, a escola deve estar preparada para receber esse aluno.

O educando estudado está inserido em uma escola regular, porém em uma sala especial. Quando se fala em inclusão, o que se quer é permitir que o aluno permaneça no ensino regular e não em classes especiais ou escolas especiais. Mas o que vemos na LDB é que não existe essa exigência de ser proporcionado o processo de ensino e aprendizado no ensino regular, e sim preferencialmente.

Mas o termo preferencialmente, se for analisado com profundidade, não se aproxima do real significado da inclusão. Ele anula o significado da inclusão, descaracteriza toda a proposta. Porém, a LDB deixa claro que o direito de receber a educação no ensino regular vai ocorrer sempre que possível, pois acredita que para algumas necessidades especiais são exigidas outras formas de atendimento, como a escola ou classe especial e salas de recursos.

Esta idéia é compartilhada pelo pai do educando estudado. Ele afirma que algumas crianças não tem condições de ir para inclusão, sendo assim necessárias as classes especiais. A professora da escola classe do educando também tem a mesma visão, para ela é necessário que algumas crianças trabalhem algumas habilidades e dificuldades específicas primeiro para assim irem para as classes regulares, pois acredita que se o aluno for inserido na classe regular sem nenhum preparo seu desenvolvimento ficará comprometido. Porém, Mazzotta (1993), critica as escolas especiais, pois afirma que as mesmas não oportunizam o convívio com outras crianças, mas também entende que sempre vai haver um educando que necessitará de atendimento em escola especial.

Afinal, o que é inclusão? A partir da declaração de Salamanca entende-se que inclusão é o processo pelo qual o aluno é inserido no ensino regular. Mas, observando o relato do pai e

da professora, este conceito parece não estar claro. Quando se fala em inclusão, fala-se em escola preparada para receber o aluno, mas a partir da LDB e dos relatos citados acima, fala-se em aluno preparado para o ensino regular.

Este termo deixa muitas brechas no processo de aprendizagem do aluno. Como o ensino na rede regular só ocorrerá, de acordo com a LDB, preferencialmente, o que se vê é que na prática ocorrerá ocasionalmente.

O educando passou por várias escolas e, de acordo com as entrevistas, quando A. estudou em escolas regulares seu rendimento foi mais satisfatório, e isto ocorreu principalmente em uma escola classe, onde ele tinha uma rede de relacionamento ampliada e se desenvolveu mais. Pode-se destacar a partir disso os benefícios da inclusão. Como afirma Carvalho (2004), a inclusão proporciona ao indivíduo um crescimento, um contato com outras crianças e, a partir daí, um bem estar por se sentir aceito.

Analisando o histórico escolar do aluno estudado, percebe-se a luta dos pais por um ensino de qualidade, que promova a inclusão e o desenvolvimento de habilidades. Mas, a partir do relato dos pais, pode-se identificar grandes barreiras do processo de inclusão. A burocracia e todas as questões administrativas estão por trás de uma proposta tão bonita.

A falta de professores e o mais importante, a falta de professores capacitados, tem sido um grande problema da inclusão. Como foi mencionado por Gil (2002), a falta de preparo dos professores e suas próprias limitações, além da falta de envolvimento com este trabalho, constituem grandes barreiras para o processo de inclusão, interferindo no processo de ensino e aprendizagem do educando. O educando analisado passou por todas estas barreiras no seu processo educacional e, analisando as mudanças relatadas, pode-se afirmar que a mudança para uma escola especial e a falta de responsabilidade dos professores contribuíram para a falta de motivação para o estudo e para a estagnação do seu desenvolvimento.

O professor tem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem e da inclusão do aluno (MAZZOTTA, 1993). Pois é ele quem vai interagir primeiro com o aluno, sendo espelho para os outros alunos, além de ser responsável pelo aprendizado do mesmo. Deixar o aluno dormir e ver filme durante a aula, sem desenvolver nenhuma atividade que proporcione seu desenvolvimento não é atitude de um educador que se preocupa realmente

com a educação. Talvez essa atitude ocorra, como foi apresentado pela professora de A., devido a um pensamento que alguns professores tem de que com os alunos especiais o trabalho é fácil, pois não precisa trabalhar nada, demonstrando uma visão preconceituosa de que as PNEs são incapazes, e por isso desnecessário à preocupação com o estudo.

Este fato representa a fragilidade da educação, que só dificulta a proposta inclusiva. A luta relatada pelo pai de A. para que conseguisse tirar o filho da escola especial, onde não estava sendo desenvolvido um trabalho sério, faz refletir sobre o que os que estão no comando querem da educação e o que eles esperam dos alunos especiais.

Hoje o educando está em uma sala especial em uma escola regular para trabalhar suas limitações e para posteriormente ir para uma sala regular. Isto remete à idéia de se preparar para freqüentar a sala regular, fugindo totalmente da idéia de inclusão, porém demonstra uma lógica, pois todos sabem que colocar um aluno em uma sala regular sem permitir seu aproveitamento e seu desenvolvimento não passa de uma inclusão aparente, pois não estará desenvolvendo a aprendizagem do aluno, então se pode dizer que esta é uma atitude contrária à Ética.

O trabalho em uma sala especial, como se pode observar, é difícil pois se trata de uma grande diversidade e exigências, mas uma sala regular com um ou dois alunos também não é um trabalho fácil. Porém Mazzotta (1993) afirma que as classes especiais podem ser organizadas para o atendimento de vários tipos de alunos especiais, sendo cada classe especial para um determinado tipo de aluno. Com isso entende-se que as classes deveriam se organizar de acordo com a necessidade do aluno, não colocando diversos tipos de necessidades especiais em uma mesma sala. Mas o que se observa na sala de A. é uma diversidade de necessidades especiais, dificultando o trabalho proposto.

A professora da escola classe de A. até confirmou que acaba deixando algum aluno de lado, não por falta de responsabilidade, mas por não conseguir administrar as exigências da sala. Mas é importante ressaltar que a educação não é um trabalho fácil, mas é necessário refletir sobre as práticas que possibilitem um trabalho com melhores resultados.

Como já foi mencionado o adolescente freqüenta uma Escola Parque toda segunda-feira. A partir da observação feita foi constatado que a falta de interação com o aluno especial,

tanto da parte da professora como dos alunos só aumenta o isolamento e a desmotivação do educando. E, além disso, a falta de seriedade e comprometimento pelos professores por não tentarem criar um vínculo e até mesmo por fingirem que aquele aluno não está presente, e isto ficou mais evidente na fala das professoras quando afirmam que ele participa, enquanto ele ficava toda a aula parado e isolado. Com isto, questiona-se: que inclusão é essa? Basta colocar o aluno em sala regular e dar por si cumprido o direito de frequentar uma escola regular?

Carvalho (2004) evidencia a importância do professor e a responsabilidade que este tem sobre o processo de inclusão. Vale ressaltar que o objetivo da inclusão transmitido por Mittler (2003) *é garantir o acesso e a participação de todas as crianças em todas as possibilidades de oportunidades oferecidas pela escola e impedir a segregação e o isolamento* (Mittler, 2003, p. 183).

Assim, entende-se que o educando não está sendo incluído. A escola pretende uma inclusão aparente, pois a verdadeira proposta não é cumprida. Isto demonstra a falta de responsabilidade por parte dos representantes da educação (direção, orientação educacional e professor) e principalmente na figura do professor, pois quando este quer consegue proporcionar a inclusão, que vai depender primeiramente dele, de integrar e interagir com este aluno com necessidades especiais.

Na aula que A. participou foi evidente o papel da professora, se preocupando e incluindo o aluno nas atividades, diferentemente das outras aulas. Com isso pode-se inferir que o professor, quando quer, é capaz de promover a inclusão do aluno, além de promover seu desenvolvimento.

Na aula citada acima, a professora se manteve ao lado de A., passou as instruções com calma e clareza e incentivou a todo o momento sua participação, além de fazer com que todos os outros alunos o esperassem. Ela relatou que isto não acontece com frequência e que até a permanência do observador tenha influenciado e promovido esta participação. Mas esta hipótese não é considerada, pois foi explícito o empenho e o envolvimento do professor com o educando, possibilitando a compreensão de que o professor tem em suas mãos a possibilidade da inclusão.

Esta é uma atitude que deveria ser de todos os professores, mas infelizmente não é o que ocorre. E por isto os professores necessitam de uma avaliação regular de seu trabalho, um acompanhamento e uma formação continuada, como confirma Mazotta (1993).

O adolescente apresenta como maior limitação a fala. E isto acaba interferindo no seu desenvolvimento intelectual. E como afirmou Sprovieri e Assumpção (1991), a linguagem é uma das grandes limitações dos indivíduos com Síndrome de Down.

Sobre o desenvolvimento de A., observa-se que ele teve um desenvolvimento bom. E ao contrário das predisposições de doenças, como problemas no coração citado por Werneck (1992), o adolescente tem uma saúde boa e não teve nenhuma complicação ou problema sério relacionado com a síndrome. Demonstrando assim, que as características apresentadas da síndrome não são determinantes, elas podem ocorrer ou não e em graus diferentes em cada indivíduo.

Mas seu desenvolvimento intelectual e sua fala sofreram um abalo, afirmando assim que A. teve uma estagnação no seu desenvolvimento em todas as áreas, além de uma mudança no seu comportamento, se apresentando mais fechado e sério.

De acordo com a descrição do caso fica claro que o educando não está se envolvendo com pessoas da sua idade. Apesar deste comportamento ter sido relatado por vários entrevistados, não foi identificado um motivo ou o que desencadeou essa mudança. Não foi encontrada na literatura nenhuma referência a esta modificação de comportamento, mas apesar disto pode-se lançar hipóteses. A partir do relato das irmãs, entende-se que A. sofreu uma discriminação pelas crianças em seu prédio, com isso ficou compreendido que ele não está querendo entrar em contato mais uma vez com este tipo de evento, além de não se sentir bem. Mas apesar disso, em observação realizada na escola classe, notou-se que A., no intervalo, manteve contato com meninos de sua idade, brincando e se mostrando feliz por isto.

Porém, é urgente uma mudança neste comportamento, pois este isolamento e a falta de contato com pessoas de sua idade ou uma idade próxima são fundamentais para sua formação. Como Pueschel (1993) comenta, o contato com o outro proporciona prazer e bem estar ao indivíduo.

Sobre a estagnação em seu desenvolvimento intelectual, pode-se afirmar que toda a mudança de escola, a falta de estimulação para o estudo, devido ao trabalho realizado na escola especial, as mudanças hormonais, já que A. está em uma idade de transformações hormonais e corporais, e seu problema de tireóide são fatores que contribuíram para este fato.

Observando também que o educando está desmotivado tanto para a escola quanto para a clínica de estimulação, pode-se inferir que o mesmo está precisando de atividades novas e um trabalho mais individualizado na escola para que ele desenvolva as atividades, já que geralmente não as faz ou só realiza na presença da professora após uma explicação mais individualizada.

Mas é importante questionar o trabalho realizado na clínica de estimulação. Em todas as atividades proposta A. teve dificuldade, se mostrou sonolento e desanimado. Qual o motivo para tanto desinteresse? Será que o educando cansou das atividades repetitivas? São muitos os questionamentos, mas o que foi possível observar é que os próprios profissionais não o estimulam e realizam as mesmas atividades com frequência.

A partir do relato da família sobre as expectativas, observa-se que a mesma entende as limitações do adolescente e vê possibilidades para um futuro satisfatório.

Com tudo isso, a autora do presente estudo defende a necessidade de se estabelecer a verdadeira inclusão, como propõe a LDB e não apenas “fazer de conta” que se está incluindo, quando na verdade se está engessando a possibilidade do sujeito se desenvolver.

CONCLUSÃO

O presente estudo abordou a questão da educação inclusiva a partir de um estudo de caso.

A Educação Especial no Brasil é destinada não só àqueles alunos com dificuldade de aprendizagem devido a uma deficiência física, mental ou múltipla, mas também aos que possuem altas habilidades ou sofrem alguma exclusão.

As pessoas com Síndrome de Down são pessoas com necessidades especiais. Mas foi possível observar que a partir de um trabalho sério, de uma estimulação desde cedo e do incentivo da família o indivíduo com esta síndrome consegue superar suas limitações, desenvolvendo-se e adaptando-se ao meio.

A LDB dá o direito a todos os alunos com necessidades especiais a educação, preferencialmente no ensino regular. Este termo, preferencialmente, traz muitos questionamentos e barreiras para o processo de inclusão, é a “brecha” deixada para que a inclusão não fosse um sucesso.

Foi possível concluir que para ocorrer uma educação inclusiva não bastam leis que ditem este direito às PNEs. É necessária uma reforma no ensino e na formação dos professores para que saibam conduzir essa inclusão de forma eficiente e adequada, além de um compromisso de todos os profissionais da escola e de um trabalho em conjunto entre professores e coordenadores, para se engajarem nessa inclusão, preocupando-se e responsabilizando-se pelo processo de ensino e aprendizagem do aluno com necessidade especial.

É essencial que os professores recebam o preparo, as instruções e o apoio da escola para poderem desenvolver um trabalho sério e de verdadeira inclusão. E quando isto ocorre, traz muitos benefícios para a escola como um todo, principalmente para os alunos sem necessidades especiais, pois tem a possibilidade de conviver com o “diferente”, compreendendo a diversidade.

Infelizmente a realidade da educação inclusiva está distante da proposta. Muitos professores preferem ignorar o aluno especial, ignorando assim seu direito e todo o processo de inclusão. Mas não é só isso, a falta de apoio aos professores também dificulta o trabalho. Com isto, pode-se ressaltar aqui o trabalho do Psicólogo Escolar, que tem como tarefa propiciar a adaptação da criança com necessidades especiais, auxiliar no desenvolvimento intelectual e social do educando e na adaptação das atividades para os mesmos.

Para promover uma educação inclusiva, todos precisam estar envolvidos, a escola, os professores, os funcionários, os alunos, o Psicólogo Escolar e/ou Psicopedagogo e a família do educando, engajados no processo de inclusão para vencerem as limitações e as diferenças.

Observou-se que a interação da família no processo de inclusão é de fundamental importância para o sucesso do desenvolvimento do educando e para a prática inclusiva.

A grande preocupação que se deve ter é em promover a inclusão do aluno, independente de ser em classe especial ou regular. O professor deve se engajar para incluir o aluno, promover atividades que ele possa desenvolver e, além disso, promover a integração do aluno especial com os outros alunos, bem como a comunidade.

Como se sabe, a integração é muito importante para o desenvolvimento de todos os indivíduos. É a partir do convívio com o outro, com as inter-relações que se toma consciência de si e forma sua personalidade. Por isso, a interação deve ser proporcionada e estimulada, tanto pelos profissionais da educação quanto pela família do educando, visando o desenvolvimento completo do indivíduo.

Os profissionais que lidam com as pessoas com necessidades especiais precisam mudar com urgência sua postura individual frente a estas, sua postura pedagógica e principalmente enxergar o indivíduo e suas possibilidades. A inclusão escolar é de fundamental importância, pois a educação é um direito de TODOS. E ainda, a inclusão para quem vive tanta exclusão pode fazer e faz a diferença, facilitando o convívio, sua adaptação e sua vida, amenizando as diferenças.

A inclusão não diz respeito apenas àqueles indivíduos que estão por algum aspecto na escola, ela deve abranger todas as áreas de contato da pessoa com necessidades especiais. A

inclusão deve ocorrer de forma generalizada em toda a sociedade, sendo praticada por todos os cidadãos com o objetivo de proporcionar a igualdade e a democracia.

As necessidades especiais dos indivíduos não devem ser vista como um empecilho ou uma limitação. Estes indivíduos têm algumas necessidades que outros não tem, e por isso deve ser trabalhado para superá-las.

Com isso, entende-se que as pessoas com necessidades especiais têm limitações que incapacitam-as para algumas atividades, mas não é por isso que estas pessoas devem ser tratadas com indiferença e discriminação. A sociedade precisa enxergar que elas têm vontades, merecem ser escutadas e têm os mesmo direitos dos outros indivíduos, devendo ter as mesmas oportunidades. Singer (2002) afirma que a ação afirmativa, que garante a igualdade de oportunidades para grupos excluídos, é ainda mais justificável para os indivíduos com uma deficiência, pois não basta abrir vagas em faculdade e dar emprego, é necessário dar condições para que estes indivíduos aproveitem tais benefícios, disponibilizando recursos que são imprescindíveis para as necessidades especiais como, por exemplo, uma rampa para o cadeirante ter acesso à biblioteca.

A sociedade precisa mudar a maneira de tratar as pessoas com necessidades especiais, pois a maior limitação é a que a sociedade coloca, é a imagem que a sociedade faz destes indivíduos. Pois eles aprendem a viver e se adaptar à sua necessidade especial, mas viver com o peso de serem incapazes, de que não são merecedores de nenhum trabalho e de que não são dignos de ter uma vida satisfatória e ativa com bons relacionamentos, não conseguem suportar e acabam algumas vezes se comportando desta forma.

Por tudo isso, a educação inclusiva só tem a favorecer estas pessoas, pois possibilita a inserção no convívio social, as inter-relações, o desenvolvimento de suas habilidades, além da construção de uma imagem positiva frente à sociedade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSUMPCÃO, F.B. & SPROVIERI, M.H. *Introdução ao estudo da deficiência mental*. São Paulo: Memnon, 1991

BLASCO, G. M.; HERNANDEZ, A.M.M. & SAMPEDRO, M. F. A criança com Síndrome de Down. In: BAUTISTA, R. (Org.) *Necessidades educativas especiais*. Lisboa: Dinalivro, 1997

BRAZELTON, T.B. *As necessidades essenciais das crianças: o que toda criança precisa para crescer, aprender e desenvolver*. Porto Alegre: Artmed, 2002

CARDOSO, M.S. Aspectos históricos da educação Especial: da exclusão à inclusão – uma longa caminhada. In: STOBBAUS, C. D. & MOSQUERA, J.J.M. *Educação especial: em direção a educação inclusiva*. Porto alegre : Edipucrs , 2003

CARVALHO, R. E. *Educação inclusiva: com os pingos nos “is”*. Porto Alegre: Mediação, 2004

CARVALHO, R. E. *A nova LDB e a educação Especial*. Rio de Janeiro: WVA, 1997

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001

FEREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio Século XXI Escolar (4ªed.)* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000

FLEMING, J. W. *A criança excepcional: diagnóstico e tratamento*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988

GIL, M. *Boletim Salto para o futuro: espaços de Inclusão*. Tv escola, 2002

GUIMARÃES, M.; FERREIRA, M. E. C. *Educação Inclusiva*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

MAZZOOTTA, R.J.S. *Trabalho docente e formação de professores de educação especial*. São Paulo: EPU, 1993

MAZZOTTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil: historia e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 2001

MITTLER, P. *Educação inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003

OTTO, P G. *Genética Humana e Clinica* São Paulo: Roca, 1998

PINSKY, J. (ORG). *12 Faces Do Preconceito* São Paulo: Contextos, 2001

PUESCHEL, M. S. *Síndrome de Down: um guia para pais e educadores*. São Paulo: Papyrus, 1993

SASSAKI, R. K. *Inclusão – construindo uma sociedade para todos*. Rio de janeiro: WVA, 1997

SINGER, P. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002

SCHWARTZMAN, J S. *Síndrome de Down* São Paulo: Memnon, 2003

TELFORD, C W. & SAWREY J M. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1988

TILSTONE, C.; FLORIAN, L. & ROSE, R. *Promover a educação inclusiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998

WERNECK, C *Muito prazer, eu existo: um livro sobre o portador de síndrome de Down*. São Paulo: Memnon, 1992

O LUTADOR. Direção de Dan Keplinger. EUA: HBO Tapestry, 2000. 1filme (50min): son., color.

ANEXOS

Anexo 1**ANAMNESE****1. Dados de identificação**

Nome: A.G. P.

Data e nascimento: 06/09/93 / Idade:12

Nome do pai:Carlos Humberto F. de Paula / Profissão:

Local de trabalho:Banco Central / Telefone com:

Nome da mãe: Gilda Guimarães de Paula / Profissão:

Local de trabalho: DER / Telefone com:

Endereço Comercial:

Bairro:_____Telefone res:_____

Instituição Previdenciária:

Plano de Saúde: BACEN

Freqüenta a escola? (X) Sim () Não

Nome: Escola Parque 210 e Escola Classe 410

Série que está freqüentando:

Número de repetências:

2. Composição Familiar

NOME	IDADE	SEXO	EST. CIVIL	GRAU DE PARENTESCO	INSTRUÇÃO	LOCAL DE TRABALHO
C. G. P.	18	F	Solteira	Irmã	Ensino médio	
P. G. P.	21	F	Solteira	Irmã	Superior incom	
G.G.P.	52	F	Casada	Mãe	Superior	DER
C.H.F.P.	53	M	Casado	Pai	Superior	B. Central

3. Situação sócio-econômica**3.1**

Casa própria ()

Alugada (X)

Cedida ()

Financiada ()

Quitada ()

Conjugada ()

Madeira ()

Alvenaria ()

Nº de peças ()

Outros: _____

Religião: Espirita _____

3.2 Instalações sanitárias

() fossa negra (X) séptica () inexistente

3.3 Hábitos de higiene

(X) independente () dependente

(X) lava as mãos antes das refeições e depois do uso do banheiro?

(X) toma banho todos os dias?

(X) penteia os cabelos?

(X) escova os dentes regularmente?

(X) tem cuidados com seu vestuário e aparência pessoal?

Mãe: Quando ele esta em casa gosta das roupas velhas e surradas dele, ninguém faz ele usar outra. Mas quando sai se arruma todo.

Pai: Às vezes eu ajudo, mas ele se vira, é proteção. Às vezes eu tomo banho com ele e ai passo a bucha e esfrego todo.

3.4 Há algum vício na família?

() alcoolismo

() drogas

() jogos

Especificar qual o grau de parentesco com a criança:

RELACIONAMENTO FAMILIAR

A criança reside com seus genitores?

(X) Sim () Não – especificar o motivo

Adoção

() Sim (X) Não () a criança tem conhecimento?

-Como se da o relacionamento entre:

Mãe X criança: (X) Bom () ruim

Pai X criança: (X) Bom () ruim

Irmão X criança: (X) Bom () ruim

Avo X criança: (X) Bom () ruim

Outros:

Com o pai ele é só alegria. Ele convive normal. Às vezes da certo, às vezes não da é difícil. Não é 100% bom. Dependendo da pessoa, se for criança ele agride, com adulto o relacionamento é melhor, com criança é mais difícil.

- Responsabilidade por tarefas no lar.

Ainda não tem. Esta muito novo.

-Como é o relacionamento da família com seus vizinhos?

Não tem contato. Às vezes a gentes e vê no elevador

- Antecedentes familiares (grau de parentesco)

1- Deficiência física.

2-Deficiência mental: O Carlos tem um primo de segundo grau com síndrome de Down. E o Carlos também tem um filho de um primo tem alguma coisa também , não sei o que é.

2- Deficiência visual

3- Deficiência auditiva

4- Outros.

ANTECEDENTES:-Concepção:

- Idade na época: (38)

- Quanto à gravidez: () Planejada

(X) Causal

() Indesejada – se foi aceita depois?

Reação dos pais:

Mãe: Eu fiquei sem ação, como se eu já soubesse, mas o Carlos não, ele chorou muito, entrou em desespero, me disseram, eu estava anestesiada. Mas quando me disseram eu não fiz nada, fiquei quieta.

Pai: A médica, que era muito conhecida nossa, me chamou e me deu a notícia. Foi um baque. Eu tenho um primo de segundo grau lá em Minas que é Down, minha convivência com ele não foi muito grande, mas tivemos uma convivência, então, eu já sabia como era. Mas foi um baque, você receber a notícia que seu filho não é perfeito, que não vai ser normal, que vai ter uma deficiência. Gilda já foi mais tranqüila, disse ‘mas ele é bonitinho’, e quando eu vi, ele é bonito mesmo...Eu fiquei meio assustado no início, mas depois foi mais tranqüilo. No dia em que a médica contou, lá no hospital, eu chorei, falei para minha irmã, contei que ele tinha nascido com um problema. Depois eu contei para as minhas filhas. Quando a gente olhava, não percebia não. O médico fez os testes, depois levei um especialista lá que confirmou que ele tinha Síndrome de Down. Com 15 dias de nascido a gente já estava com ele numa clínica, já estava sendo trabalhado, e até hoje, nunca mais parou. Fonoaudióloga, ortopedista, fisioterapeuta, psicomotricidade, psicoterapia...Tudo o que está a nosso alcance.

Pais: heterosanguíneos (não são parentes)- (X)

Consangüíneos (tem parentesco) grau de parentesco

GESTACÃO:

1- A mãe fez tratamento pré-natal?

Sim.

2- A gestante contraiu doenças, fez raio X, tomou vacinas ou fez uso de medicação?

Não. Só fiz ecografia.

3- Qual a duração do período gestacional?

9 meses normal.

4- No decorrer da gestação, ocorreu algum fato que a preocupou? (quedas, sangramento, fatores emocionais ou ameaça de aborto?)

Eu sempre no começo da minha gravidez tenho ameaça de aborto, eu tenho sangramento, nas 3 gravidez eu tive, é normal. Mas isso não prejudicou, é normal mesmo, acontece, eu fico menstruada nos primeiros meses. A médica disse q isso acontece.

NASCIMENTO

1-Onde foi realizado o parto:

() em casa (X) Maternidade

2-Como foi o parto? Especificar

Foi cesariana e fez uso de anestesia. Mas foi tudo normal.

3-Após o nascimento, quanto tempo a criança levou para ir ao quarto?

Ai eu não sei, porque a gente fica anestesiada e ai eu não sei. Mas assim que acaba a anestesia ele já levam. Eu não lembro, depois da anestesia a gente fica meio abestado, mas deve ter levado logo.

4-Qual a posição da criança para o nascimento?

Não sei. Não lembro.

5-A criança chorou logo ao nascer?

Chorou, eu lembro que chorou.

6-A respiração foi espontânea?

Acho que sim, não vi ninguém fazer nada.

7-Houve algum problema na ocasião do nascimento que levou a criança a receber cuidados especiais?

As meninas, por causa do problema do sangue meu e de Carlos, um é O- e outro A - , da aquele problema do sangue, que a criança fica amarelinha, hecetericia. Ai ele tem que ficar na

luz, banho de Luz, P. ficou mais dias, Cris ficou menos e A ficou mais tempo que todos, acho que ficou 10 a 15 dias, tomando banho de luz.

8- Necessitou de encubadora:

Sim. Ele teve um dia lá que ele estava morrendo, não tinha muito leite, por causa do emocional, e ele era muito saudável e o leite não estava sustentado, não era forte, ai ele desmaiava porque estava fraco. Ai a medica inventou que ia levar para a cirurgia porque ele tava morrendo do coração, ai levei para fazer todos os exames e não constatou nada e viu que não era nada no coração, era fome e ninguém viu isso. Ai eu falei q eu ele ficou muito tempo no banho de luz, e desidrata a criança, e juntou com a fraqueza dele, que não estava sustentado com o leite então ele ficou fraco. E um monte de pediatra e ninguém viu isso, achava que estava passando mal do coração, ai depois eu falei para o medico que se ele não saísse do hospital eu ia fugir com ele, daí fui para outro medico. Ai o medico disse que ele era muito saudável, que estava morrendo de fome. E mandou tacar leite nele. Ficou em encubadora acho que 2 dias.

9- Apresentou icterícia:

Sim e foi tratado com Banho de luz e água de picão.

10- Peso ao nascer: 3.100 ou 2.900 Tamanho: Normal. Não lembro

11- Recebeu alto no hospital junto com a mãe: Sim

DESENVOLVIMENTO

Desenvolvimento psicomotor

Em que mês ou idade a criança:

-sustentou a cabeça:

- sorriso:

- sentou sozinha:

- engatinhou:

- andou:

O desenvolvimento foi normal igual as outras crianças, ele engatinhou na época certa por causa do tratamento de estimulação desde os 15 dias de vida. Enato tudo nele foi normal,

engatinhou na época certa, sentou na época certa, acho que com 6 meses e andou com 1 anos e 2 meses então essa parte foi toda certinha por causa da estimulação. Engatinhou com 4 meses. No lembro época certa, mas foi tudo certinho.

Controle dos esfíncteres:

Com dois anos vesical diurno e noturno 2 anos e meio

Preferência manual: com um ano, geralmente quando entra na escola. Com um ano e tanto quando ele pega a colher para comer sopinha E ele pegou com a mão certa a direita.

MANIPULAÇÃO E HÁBITOS

1- Usou chupeta?

Não, acho que não quis, não usou o dedo também não.

2- Roeu unhas?

De vez em quando ele rói. Começou agora, depois que cresceu que arrumou uns tiques.

3- Teve ou tem tiques?

Tem muito, é de época ele invoca com uma coisa e começa e a gente tem que ficar tirando e passa para outra. Agora ele ta em uma de ficar rindo sozinho, fica mexendo com a cabeça, já teve outros. Esse são os atuais.

Ele já teve tantos.

LINGUAGEM

Quando a criança falou as primeiras palavras:

Foi papa, o pai é a paixão dele. Não sei qual a idade, não me lembro. 1 ano e meio

Balbuciou.

A criança tem suspeita de perda auditiva?

Teve um problema, teve que colocar carretel no ouvido fez duas cirurgia no ouvido, e o próprio organismo expulsa o cartel, ate pouco tempo a gente fez acompanhamento. A gente faz uma vez por ano, antes era de 3 em 3 meses.

Aconteceu à mesma coisa com C., ele vai perdendo, da uma infecção, não sei o nome, e quando vai chegando a fase adulta vai se libertando daquilo e quando é pequeno tem que ficar olhando para não dar serias complicações, é perigoso, pode atacar o cérebro, mas com o crescimento vai libertando a infecção. Pouco tempo eu fiz exame e não deu nada, mas tem que ficar acompanhando, mas agora tenho que ir menos vezes ao médico. Teve uma época que ia de 2 em 2 meses, uma vez por mês. É uma otite.

Perde um pouco a audição Quando apresenta perde, mas quando faz tratamento recupera um pouco, mas deixa seqüela, ele ficou com seqüela, mas uma seqüela insignificante

Chegou a vazar?

Sim. Uma vez só. Tem muitos anos, ele era menor

-Faz troca de sons? Fala, leitura e escrita. A fala é a parte mais afetada, a dificuldade maior é a fala, e prejudica tudo, a escrita e a leitura.

-Quanto à respiração: Nasal.

Quais os meios que a criança utiliza para comunicar-se?

E a fala. Da maneira dele, e gesticula também. Tem um crescimento , com o tratamento tem um crescimento. Aprendeu a viver nesse mundo com a sociedade. Tem um desenvolvimento sim, com a estimulação consegue viver devagarzinho com as pessoas na sociedade que é muito importante para ele. Mas é lento, o desenvolvimento dele é lento,ma chega lá.

DOENÇAS E ATENDIMENTO MÉDICO

1-Quais as doenças contraídas pela criança?

Teve 3 pneumonias e tomou uma vacina e não teve mais. Raramente ele fica doente, de vez em quando fica gripado, mas tem muito tempo. O problema dele mesmo é esse problema que tava dando na pele, essa infecção, eu não sei o nome, é muito complicado. É uma doença, que através do sistema imunológico dele, que abaixa muito ai faz com que crie uma infecção, é da mesma família do furúnculo mas não é furúnculo na pela, e tem que ficar sempre atento, tem que fazer tratamento, não pode descuidar nem um pouco pq não pode espremer, pq não pode

passar para o sangue, pq traz muitas conseqüências, essa bactéria pode atacar os órgãos principais, o coração, o pulmão e os rins, é perigosíssimo pq se atacar o coração morre. Estamos fazendo acompanhando, tem que fazer sempre. Faz dois anos que começou, que estamos batalhando.

Acho que teve catapora uns 3 anos

Pneumonia, a menos de um ano, 8 a 10 meses

A tireóide,. Os hormônios não estavam fabricando. E toma todo dia remédio todo dia de manha. E a ultima vez que fiz os exames estavam normais e vou fazer de novo essa semana.

Tomou vacina

Fez cirurgia?

Sim.Hérnia no umbigo, quando era pequeno uns 3 anos para 4.

Faz uso de medicamento?

Sim. Para tireóide. Fica parecendo que esta com depressão, sem animo para nada, sonolento, só queria ficar dentro do quarto, parece que tava cansado, sempre dizia que esta cansado, dizem que da um mal estar, uma moleza e lê não sabe se expressar e falava que tava cansado, e vai ficando tristonho, como se estivesse em uma depressão.

Apresenta problemas de visão?

Sim . usa óculos. O grau é um e pouco, não é muito.

A criança encontra-se em acompanhamento de:

Pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiológico, fisioterápico, neurológico e infectologista.

ALIMENTACÃO

Apresentou reflexo de sucção? Sim

A criança fez alimentação materna por quanto tempo?

Ele mamava direitinho, bonitinho, não teve dificuldade. . Comigo ele mamou ate uns 3 meses pq eu não tinha leite i depois ele se alimentava co leite ninho com mamadeira, assim que saiu do hospital eu dava os dois, meu leite e mamadeira, ajudando por causa do meu emocional

que não tinha leite. Deve ter sido por causa da notícia, pq mesmo que a gente aceite não deixa de abalar o emocional, porque é uma coisa nova que estava aparecendo na sua vida, não é rejeição . eu ficava sm saber como seria, o que ia ser, pq então conhecia. O primeiro ano de vida de A eu fiquei desesperada, mas depois fui me acalmando fui vendo como era, mas era uma insegurança, um medo de não dar certo, uma ansiedade, se ele ia andar na época certa, desenvolver direitinho, não foi fácil não, o primeiro ano não é fácil mesmo não. Mas é normal que acontece c todo mundo, uma coisa que acontece com a gente e que a gente não conhece.

-Fez uso de mamadeira? Quanto tempo?

Assim que ele começou a comer comida ele largou, ele come muito bem, come todas as verduras logo começou a tomar sopinha ai geralmente com 2 anos já larga quando a pessoa se adapta a comida.

-A criança apresentou problema para mastigar ou engolir? Não

-Quando começou a ingerir a alimentação pastosa e sólida?

Com 4 meses pastosa, sopinha com um ano nos já dávamos arroz, feijão purê de batata

Como se processa a alimentação da criança? Quantas refeições a criança faz por dia?

Normal, ele se alimenta bem come tudo gosta de tudo. Não gosta de jantar, so anta quando ele não almoçou direito ou não lanchou ai ele pede uma janta, mas lê gota de tomar leite e comer pão. Toma café aqui na escola almoça direitinho, salada, lancha a tarde e de noite come um leite um pão.

Esse dias lê tava no banco e uma amiga do Carlos ofereceu ai Carlos ofereceu e ele comeu e também ele se cuida, tem medo de ficar gordo,, ai as vezes ele fala “Não quero fica gordo”. Ainda bem porque ele se cuida.

Sono

. Ele não dorme bem Às vezes, ele fica andando a noite toda, vem no meu quarto vai p lá, não sei o que , não sabe falar ai fica difícil.

Não pula, muito difícil, às vezes ta agitado, mas nem sempre.

Não baba.

Muito difícil só quando esta muito cansado.

Sudorese às vezes, com a tireóide as vezes acontecia, mas agora não.

Às vezes range os dentes.e tem insônia.

Ele dorme em quarto separado

SOCIALIZAÇÃO:

Nem sempre faz amigos com facilidade. Briga, mas não constantemente, não tem muita facilidade com criança não . a gente não entende o pq, as vezes ele vai brincar e agredi a s crianças eu acho que as crianças rejeitam ele ai a forma q ele tem de suportar aquilo é agredir as crianças. Elas criticam, ficam rindo dele, remendando ele, pq ele não fala direito, pq eu já vi lá me baixo, ai eu acho q a agressão dele é por isso. E ultimamente ele não quer mais lidar co criança, saber de criança, tem muita dificuldade. Com adulto ele sente seguro a psicóloga dele disse que é porque os adultos respeitam , não ficam criticando, pode ser por isso que sta acontecendo isso.

Não é líder.

Do que ele gosta de brincar?

Não sei. Antigamente ele descia lá em baixo, ele jogava bola, brincava de pique esconde,e ele gostava. Agora ele gosta de ficar no quarto nele ouvindo musica, sozinho, ele adora.

Como se comporta nos outros ambientes?

De uns tempos para cá ele esta se comportando como uma pessoa adulta, sem dificuldade nenhuma, direitinho, bonitinho, vai em casamento conosco e fica sentadinho, igual a homem, comporta direito, onde vai se comporta direitinho.Agora estava assim.

O que ele faz quando não esta na escola?

Ele fica o dia inteiro na escola de manha e a tarde, quando não esta fica em casa ouvindo musica a noite. Faz natação a tarde também. E onde vamos passear e lê vai conosco, todo ,lugar ele vai conosco.

Demonstra ciúmes em relação a algum amigo?

Não, ele sente falta, ele não gosta de viver fora, longe da família dele

A criança necessita de auxilio na execução das tarefas escolares?

Sim. Ele precisa. Isso ele sempre faz na escola especializada, em casa de vez em quando tem um dever, quando tem, alguém ajuda, os irmãos, eu, todos ajudam

Relaciona-se bem com a professora, colegas e demais funcionários da escola?

Mais ou menos. Lá os professores são tudo doido com ele, parece que gostam dele. Na escola eu não sei bem como é. Na clínica especializa as pessoas são mais legais, são diferentes.

Apresenta cuidados com uniforme e material escolar?

Ele é cuidadoso com as coisinhas dele, guarda no lugar certo, não perde as coisas, acho interessante.

A família tem em casa revistas, jornais, livros ou qualquer outro material escrito que estimule a criança a ler?

Tem revista, jornal. Às vezes ele pega, quando o pai dele pega a veja para ler, ele tenta imitar o pai, aí ele pega e fica lendo, igual o pai, tá olhando, mas tá lendo igual o pai. Pq o mundo dele é o pai dele.

A criança tem em casa materiais escolares que a incentive a escrever? Sim

-Gosta de ouvir e/ou contar histórias? Quem conta histórias para a criança?

Ele não tem paciência para ouvir história não. Um dia eu peguei um livro pra ler e ele não quis não.

-Ouve música e/ou gosta de dançar?

Aí é com ele mesmo..

-A criança participa de brincadeiras que envolvem: correr, pular, saltar, subir, descer?

Participa

-Sabe abotoar, desabotoar, amarrar, desamarrar, dar laços em calçados, recortar figuras? Não
a gente tá tentando ensinar, lá na clínica amarar, mas não aprendeu ainda não. Não abotou a camisa. recorta figura

-A criança tem noção de: acima, abaixo, longe, perto, dentro, fora, frente, atrás, dias da semana, meses do ano, datas comemorativas, maior, menos, pouco, muito?

Tem noção de lugar. Mas de dias semanas e datas comemorativas não. Mais de localização

-Realiza leitura de rótulos, placas ou cartazes? Não

Sabe ler ou escrever seu nome e dos familiares? Da maneira dele.

ÁREA ACADÊMICA:

Qual a Expectativa:

Muito importante. Mas o principal objetivo é Alexandre aprender as atividades sócias para ter uma vida independente

Qual o tipo de problema que a criança apresenta?

A fala.

Qual orientação que os pais receberam e qual atitude tomada por eles?

Não recebemos. O que a gente faz

- A criança apresenta responsabilidade pelas tarefas escolares?

Ele sabe quando tem tarefa, ele fala.

Ele tem o hábito de estudar, tem horários, local apropriado?

Tem, na clinica dele, na segunda, quarta e sexta, uma das matérias dele é exatamente para isto, ´para ele fazer as tarefas da escola.

Quais as facilidades pedagógicas encontradas pela criança?

Ele sabe o alfabeto, as letras, tem coordenação motora boa.

E as dificuldades?

Escrever ditado tem que ser bem pausado, formar frases, a fala é uma dificuldade natural dele.

A maior dificuldade de Alexandre é a fala.

E ele falta muito a escola?

Não. Nós achamos muito importante ele ir à escola, é importante também para a sociabilização dele.

Como foi a adaptação dele na escola?

Foi boa. Hoje ele está numa fase muito tranqüila. Uma das características de Alexandre é que ele exige mais um acompanhamento mais individual.

Ele é retraído em casa?

Isso é de fase. Ele passou uma fase agora de retração, não queria brincar, não queria se divertir, de sair. Agora não, ele está se soltando mais. Antes, ele se soltava demais, aí entrou nessa fase, agora, ele está se soltando de novo.

Em que situação ele é capaz de se concentrar?

Quando tem uma atividade interessante, que ele goste. Com músicas, brincadeiras de jogar, educação física, ele gosta.

Ele sabe transmitir recado?

Não, como ele tem dificuldade na fala, fica complicado, esse lado fica comprometido.

Ele tem facilidade para contar fatos, acontecimentos?

Da maneira dele, sim.

É capaz de ir à supermercados, panificadoras ou mercearias para realizar pequenas compras?

Quando a gente vai junto sim, mas sozinho não. Tanto que quando ele estava começando a sair sozinho, eu estava por perto, observando. Um dia ele saiu daqui, foi lá na entrada da quadra, na banca revistas, pegou um sorvete. Para atravessar a rua, ele é pequeno. Outro dia, não tinha na banca, não tinha, ele foi lá no mercado para pegar o sorvete e trouxe o troco.

Que tipo de reforço necessita para realizar tais compras?

Ele entende tudo, o problema dele é a fala. A gente diz e ele vai.

Ele reconhece dinheiro, valor de troco?

Ele sabe o que é dinheiro, reconhece, sabe que é para comprar as coisas, mas ele não tem noção de valor, se aquilo dá para comprar, se vai sobrar.

Reconhece horas extras, meias horas e quarto de horas?

Não.

Sabe o endereço de sua casa?

Não.

Reconhece algum tipo de letra?

Todas

Lê palavras simples ou complexas?

Simple, ele lê

Reconhece numerais.

Sim. Ele sabe até 20, por aí.

Ele sabe fazer pequenas operações de memória?

Sabe, eu já vi ele fazendo, de números pequenos. Como três mais dois, isso ele sabe.

Faz as quatro operações ele sabe?

Ele faz mais soma.

Soluciona problemas da vida diária?

Ele se vira bem no dia-a-dia, as coisas diárias, ele faz tudo.

Anexo 2

ENTREVISTA COM OS PAIS

Fale um pouco sobre as escolas que ele passou, há quantos anos que ele frequenta.

Ele entrou na escola na idade normal, com quatro anos. Ele estudou primeiro no Arvence, uma escola particular. Ele entrou no Jardim I, ficou lá uns três anos. Lá ficava uma professora e uma estagiária, ajudando, que inclusive eu paguei.

Nessa época ele estava se desenvolvendo bem?

Ele estava, mas não sei até onde este bem vai, porque ele sempre teve um desenvolvimento mais lento.

Depois do Arvence, ele foi para a 312 Norte, para o Jardim. De lá, ele foi para a Escola Classe da 312 Norte, que é ao lado. Lá também ele ficava em uma turma regular, mas reduzida, o atendimento com ele era bom. Ele ficou até a 1ª série, onde ele até repetiu. Alexandre ficou lá uns quatro anos e meio. Nessa época, a gente achava que ele era hiperativo, o médico disse isso, porque ele era muito traquino. Aí eles acharam por bem que ele fosse para a Escola Especial da 611 Sul, para que ele tivesse um tratamento mais especializado, para melhorar este lado. Depois de muita discussão, eles nos convenceram e levamos ele para lá. Eles acharam que se ele ficasse um semestre, seria muito bom para ele. Nós fomos, e nisso começou toda a bandalheira da Fundação. Ele ficou um ano e meio lá e teve uma regressão. Lá só tem alunos especiais, uma turma de três, quatro alunos. Mas o problema lá é a falta de professores. Em um ano e meio ele teve oito professores. Nós descobrimos que um dessas professoras substitutas chegava de manhã e já colocava os alunos num colchonete para dormir. Saía do colchonete e ia para uma salinha para assistir filme. Não fazia nada. Aí começou uma briga para tirar ele de lá. Tanto que no laudo dele saiu que ele teve uma regressão.

Quando vocês começaram a observar isso, vocês tentaram tirar ele de lá, mas não conseguiram?

Foi, foi uma confusão. Muita dificuldade. Descobrimos que quando ele foi para lá, ele deveria ter sido avaliado, aí eles dizem que a avaliação deveria ser feita pelos pais. Aí foi um “disse-me-disse”. E o que foi discutido lá não foi registrado. Além disso, numa determinada época,

quando foi feita uma entrevista com os psicólogos, disseram que ainda não era a época, aí no final do ano disseram que passou da época e que não podia mais. Foi uma luta para tirar ele de lá, até que tivemos que apelar e exigir mesmo para Alexandre mudar de escola. Eu vi muita falha na Fundação, falta de professores, professores terceirizados, diretor que está lá só para ocupar cargo, não administra bem, uma série de coisas.

E depois disso?

Depois, depois da minha briga toda junto ao GDF e a Secretaria de Educação, eles colocaram ele na Escola Especial da 410 Sul, com uma professora com experiência, e está lá até hoje.

Você vê alguma diferença?

No começo, eu briguei também porque um dos problemas dessas classes especiais é que tem 15 alunos, onde cada criança tem uma deficiência, uma síndrome, e com essa briga eu consegui que a classe de Alexandre tivesse no máximo sete alunos, inclusive até hoje lá é assim. Se não fosse isso, pelo GDF teriam 15 alunos, e é impossível que uma classe especial tenha 15 alunos, com um professor só. Segundo eles, não. Eu conversei com a responsável no Buriti, eles provaram por A mais B que tem um método de trabalhar que dá atenção a todos os alunos e eles desenvolvem muito. Eu tenho minhas dúvidas. E tem professores também que concordam comigo, que dizem que não tem condições, que é difícil. A professora de Alexandre também, inclusive, vai começar a atendê-lo às terças à tarde, porque ela percebeu nele um potencial que tem que ser trabalhado.

E também teve o problema da tireóide dele, que a gente não sabia, a taxa dele estava altíssima. E isso deixou meu filho mais sonolento, deixava ele mole, ele não estava tendo rendimento nenhum. E depois do tratamento, ele está mais atento.

Você acha importante a inclusão escolar?

Por um lado eu acho muito importante, por outro...Tudo depende da maneira como ela é feita, porque dependendo da criança, ela terá muito ganho. Por isso que tem que ter sempre a inclusão, mas tem que ter também a classe especial. Porque tem criança que não tem condição de ir para a inclusão, e eles querem acabar com a classe especial de todo o jeito, o objetivo é só a inclusão e pronto. Porque eles alegam que a criança fica excluída, mas tem criança que não tem condições de ir para a inclusão, porque ela não vai ter ganho nenhum e ainda vai prejudicar a sala. E sempre na inclusão tem que ter mais um professor para auxiliar o titular, porque esse negócio de colocar um professor só cuidando de uma sala com 20 alunos e mais

uma ou duas crianças especiais, o sistema está cuidando, por um lado, da não exclusão da criança, mas por outro não se preocupa com a qualidade do ensino, não quer gastar dinheiro com mais um profissional dentro da sala de aula. Por isso o ensino fica comprometido. Está preocupado porque está resolvendo um problema que existe, mas não quer gastar, aí fica complicado.

Antes uma sala especial tinha até oito alunos. Depois, eles alteraram, era até 12. Hoje, já são até 15 alunos. Eles ficam muito preocupados com os gastos, mas e a qualidade? Eu fico preocupado com isso.

Como você descreve Alexandre?

Alexandre é um downzinho muito sapeca, carinhoso, gostoso...Que a gente ama muito.

O que você espera dele no futuro?

A nossa grande preocupação com o estudo, com a escola, é ele aprender a ser independente, ele se virar. No básico, ele já sabe...Até ele vir a ter o emprego dele, esse é o objetivo. Agora ele está na natação, para futuramente ele competir nas paraolimpíadas.

Você acha que a escola que ele está hoje está atendendo as necessidades dele?

Está, pelo fato da professora dele ser muito experiente. O único inconveniente é a distância da escola, mas vale a pena, já que não teve outro jeito. A turma que eles prometeram na escola da Asa Norte, na verdade este ano não teve. É o que eu estou falando, eles estão reduzindo, e desse jeito, eles vão querer apenas a inclusão mesmo.

Como você recebeu a notícia de que Alexandre tinha Síndrome de Down?

A médica, que era muito conhecida nossa, me chamou e me deu a notícia. Foi um baque. Eu tenho um primo de segundo grau lá em Minas que é Down, minha convivência com ele não foi muito grande, mas tivemos uma convivência, então, eu já sabia como era. Mas foi um baque, você receber a notícia que seu filho não é perfeito, que não vai ser normal, que vai ter uma deficiência. Gilda já foi mais tranqüila, disse 'mas ele é bonitinho', e quando eu vi, ele é bonito mesmo...Eu fiquei meio assustado no início, mas depois foi mais tranqüilo. No dia em que a médica contou, lá no hospital, eu chorei, falei para minha irmã, contei que ele tinha nascido com um problema. Depois eu contei para as minhas filhas. Quando a gente olhava, não percebia não. O médico fez os testes, depois levei um especialista lá que confirmou que ele tinha Síndrome de Down. Com 15 dias de nascido a gente já estava com ele numa clínica,

já estava sendo trabalhado, e até hoje, nunca mais parou. Fonoaudióloga, ortopedista, fisioterapeuta, psicomotricidade, psicoterapia...Tudo o que está a nosso alcance.

Como é o relacionamento dele com vocês?

Bom demais. A gente está sempre dando carinho, quando é preciso corrige. Ele é mais apegado comigo. Essa noite mesmo, eu dormi com ele, eu estava descoberto, ele levantou e foi me cobrir. É engraçada essa preocupação dele.

E a sexualidade dele?

Está despertando, mas por enquanto ele está mais sossegado.

Como você avalia o desenvolvimento dele?

Eu acho bom, o único inconveniente foi aquela escola que ele ficou um ano e meio, que atrapalhou ele muito, agora estamos tentando dar uma recuperada. Outra coisa é a fala dele, que realmente é uma dificuldade. Ele nunca teve nenhum problema cardíaco nem renal, que mais de 90% dos portadores da Síndrome de Down apresentam. Mas a fala dele apresentou a deficiência dele, e é o que atrapalha dele. Se não fosse a fala, ele seria um Down perfeito.

Vocês estimulam a fala, trabalham com ele isso?

A gente procura corrigir sempre, ele tem uma tendência a falar,da maneira dele, e emendar tudo. Aí a gente corrige, repete as sílabas, para ele aprender.

Quando ele está na rua, com a família, ele se relaciona bem com todo mundo?

Quando ele chega na casa dos outros ele fica sentadinho, comportado.

Mãe

Como você descreve A ?

Alexandre...Não tem palavras para descrever ele, porque foi uma maravilha que Deus me deu, me sinto tão realizada com o meu filho, é uma criança maravilhosa. As mães que tem filhos com Síndrome de Down realmente não sabem ver o que é, mas a gente que tem religião sabe que é um crescimento espiritual muito grande. Você sente, você vê a energia maravilhosa que ele tem, um abraço dele você sente a energia positiva, uma luz positiva. É um anjo, porque não tem maldade, não tem nada, porque veio nesse mundo para cumprir a missão nele, transmitindo amor para as pessoas, para gente, paz, harmonia.

O que você espera dele no futuro?

É ver meu filho se virar sozinho, ser independente. Vai cuidar da gente, ele já se preocupa com a gente.

Anexo 3

ENTREVISTA COM P. G. P. 21 ANOS (irmã)

Como recebeu a notícia que seu irmão teria Síndrome de Down?

“A gente foi ver minha mãe, e ele ainda estava no berçário. Aí, quando a gente voltou, meu pai veio conversando com a gente no carro, explicando que o A era diferente, que a gente teria que ter mais cuidado com ele, essas coisas. Ele disse, explicou de maneira bem simples o que era Síndrome de Down. Eu era pequena, então eu não tinha muita noção do que era. Tanto é que ele estava no hospital e não estava conseguindo tomar leite da minha mãe, ele quase morreu. Minha mãe fala que eu entrei chorando e disse que eu queria meu irmão do jeito que ele era desde que ficasse vivo. Encarei normal, natural.”

Como se relaciona com A? Mudou em algum momento a maneira que vocês se relaciona?

“Do mesmo jeito, tanto é que ele tem a maior coisa comigo. Sempre brinquei com ele, fui eu que ensinei ele andar. É o mesmo carinho, a mesma coisa, às vezes a gente perde a paciência, mas a gente se relaciona bem.”

Como percebe o desenvolvimento dele? Quais as principais limitações dele?

“Aprender a andar, ele aprendeu na idade certa. Coordenação motora é boa, tanto que a gente dava aqueles brinquedinhos de montar as pecinhas e ele montava numa boa. O problema dele mesmo é a fala. Porque entender, ele entende tudo o que a gente diz, em relação a isso ele se desenvolveu bem. O problema é a fala porque atrapalha em muitas outras coisas.”

Você ajuda nas tarefas da escola??

“Às vezes eu ajudo ele nas tarefas. Antes, quando eu não tinha nada à tarde, eu ajudava a fazer o dever de casa. Ele é meio disperso, fica olhando para o nada, às vezes ele nem está prestando atenção em nada, não tem interesse. Tem que ir devagar, às vezes ele cansa, parece que “enche o saco”. Aí não quer fazer, ai tem que dar um tempo para ele fazer, mas ele já está bem melhor em relação a isso.

Tinha uma época que tinha uma professora que mandava umas tarefas que ele não entendia direito. Aí mudou a professora. Ah, ele muda muito de professora porque esse negócio de Fundação, vou te contar!! Muda muito, mandam de uma escola para outra. Aí essas últimas elas mandam coisas que ele consegue fazer, que ele entende.”

Como você descreve ele?

“Super, ultra, mega amoroso, feliz da vida. Ele que é meio quem traz a alegria lá para casa, une todo mundo, às vezes meio nervosinho. Ele é super carinhoso, amoroso com todo mundo. Adora música. Filme, sabe de cor e salteado, as falas e as músicas. Não fala português, mas canta em inglês que é uma beleza.”

Já percebeu ou percebe alguma exclusão?

“No prédio mesmo, as crianças deixavam ele de lado, faziam ele de bobo, ficavam rindo dele, ele não se sente bem perto das crianças. Ele se isola. Às vezes, quando tem criança perto, ele não consegue se comportar, porque as crianças ficam brincando de um lado e não deixam ele brincar também, aí ele fica agressivo. Mas quando a gente sai, por exemplo, vai para casamento, ele se comporta direitinho, não dá trabalho. Assiste, participa da festa, dança, no meio de adulto ele fica super bem. Muitas crianças não entendem e deixam ele de lado, discriminando mesmo, até mães. Minha mãe já teve até problema lá no prédio, com pessoas dizendo ‘deixa esse menino doente para lá’.

Como ele se relaciona com as outras pessoas?

“Onde ele faz tratamento, lá na Cliner, a psicóloga falou para tentar entrosar ele, levar onde tem criança, em lugar de criança. Mas ainda é meio complicado, ele não sabe lidar muito bem. Quando a criança brinca com ele, dá muita atenção, na boa. Mas às vezes eu acho que ele percebe, que ele sente que estão deixando ele de lado, aí ele fica nervoso, quer chamar atenção, faz brincadeira sem graça”.

O que sabe da história escolar dele?

“A primeira escola dele foi um colégio particular normal e ele participava da creche e do maternal. Quando chegou no maternal, as professoras disseram que não estavam dando conta e aí a escola falou que ele teria que pagar uma professora para tomar conta dele na sala. Meu pai chegou na escola e a professora que ele estava pagando para tomar conta de A estava fazendo qualquer coisa menos olhar ele. E meu pai pagava horrores na escola e ainda tinha que pagar essa professora. Aí meu pai tirou ele e falaram que tinham umas escolas da Fundação que eram boas. E ele se desenvolveu muito na escola da 312 Norte, a professora dava muita atenção e todos os coleginhas eram amigos dele, todo mundo conhecia ele, conversava com ele, ele brincava, não tinha problemas. Às vezes ele fazia algumas estripulias com algumas crianças, mas todas as crianças faziam. Ele estava bem melhor, se desenvolvendo mais, falando melhor, gesticulando melhor. Mas aí ele saiu de lá e foi para

outra escola, que são duas, como se fosse maternalzinho e pré. Ele estava bom lá também, mas a professora teve que sair, aí eles disseram que tinham umas reuniões na Fundação para ver para onde ele ia, não sei direito como é. Falaram que não estava dando certo e iam mandar ele para um Centro Especial de Ensino. Depois que ele foi, regrediu total, piorou mil vezes a fala, porque as crianças que estavam na sala dele eram piores. Porque não eram crianças só com Síndrome de Down, tinham paralisias, tinham um monte de coisa. Inclusive ele chamava as crianças de burras porque ele não tinha o mesmo nível de raciocínio que eles. Ele regrediu muito, principalmente com a fala. Foi aí que ele começou a se isolar. Ele ficou lá um tempão, um ano ou mais. Meu pai conseguiu, depois, trazer ele para uma escolinha na 409 Sul, que é uma escola normal, mas a sala dele é de crianças especiais. Autistas, hiperativas, mas também lá a professora disse que ele não se mistura. Lá é bem melhor que um Centro de Ensino Especial, mas ainda não é o ideal para ele, porque ele tem que estudar com crianças que façam ele se desenvolver. Ele ia estudar aqui na Asa Norte, mas deu um rolo com a Fundação, disseram que não conseguiu formar turma porque tem que ter poucos alunos na sala. Aí ele acabou ficando lá na Asa Sul ainda, mas meu pai está tentando.

O que espera dele no futuro?

Eu espero que ele vá conseguir arranjar uma menininha com Síndrome de Down bem bonitinha. Tem uma menininha lá na Cliner, na clínica, que é uma gracinha, está apaixonada por ele. A gente fala que eles vão casar. Em relação a ter nível superior, eu não espero nada, porque eu acho que é muito difícil. Mas ele adora música, adora dançar, adora fingir que é DJ. Esses dias eu até estava comentando com minha mãe dele ser um DJ muito famoso. Acho que vai ser tipo isso, vai se envolver com a área das artes vai seguir por esse caminho. E vai que ele case, tem muitas pessoas com Síndrome de Down que casam, né? Ainda mais ele que é bem safado.

Anexo 4

ENTREVISTA COM C. G. P. (IRMÃ) 18 anos

Como recebeu a notícia que seu irmão nasceu com Síndrome de Down?

“Eu lembro que meu pai sentou com a gente e conversou ... Falou que ele tinha, eu não lembro direito, mas eu lembro que ele falou que tinha Síndrome de Down, mas que isso não era uma doença, que ele seria normal, mas com algumas dificuldades. Como eu era muito criança, a gente nem entendeu muito isso, eu lembro que no outro dia no colégio eu falei para minhas amigas que meu irmãozinho tinha Síndrome de Down, elas até perguntaram o que é isso. E falei que não é uma doença só sei disso. Mas eu fiquei super bem, porque eu não sabia o que era mesmo.”

E como você se relaciona com ele? Como foi o relacionamento de vocês ao longo destes anos?

‘Eu implicava um pouco com ele porque por ele ter Síndrome de Down, minha mãe defende ele um pouco mais, mimava um pouco mais e eu achava aquilo errado porque a gente foi tratada de outra maneira, um pouquinho diferente. Eu não entendia muito, então às vezes eu brigava com ele, ficava com ciúme, mas aí eu fui crescendo e vi que ele precisava de mais cuidado, que era normal e fui me apegando mais a ele, e ele é muito carinhoso.’

E você sempre se relacionou muito com ele??

“Demais. Até porque eu sempre fiquei com ele à tarde sozinha, sou eu quem fico com ele a tarde, então a gente se apega demais. Eles são muitos carinhosos, se apegam muito fácil.”

Você acha que mudou o relacionamento dele com você ao longo do tempo??

“Ah, com certeza, porque eu não sabia direito o que era, como seria. Então, meio que a gente está mais preparada, cresce também.”

Então hoje você ajuda mais ele?

‘Com certeza, a gente fica dando mais atenção, assistência, sempre ali do lado dele, nas dificuldades. A gente tenta ajudar.’

Como você percebe o desenvolvimento dele??

“A principal limitação é a fala e às vezes a gente ensina uma coisa para ele e ele aprende rápido, mas para outras coisas não. Por exemplo, matéria de escola ele demora mais, a gente

sentia para fazer um dever e ele demora. Mas quando ensina outra coisa, ele aprende mais rápido. E a fala, que esta desenvolvendo, mas está bem devagar.”

Ele teve um desenvolvimento bom?

“Teve um desenvolvimento ao longo dos anos bem mais do que a gente esperava. O médico falava que era raro uma criança com Síndrome de Down ser praticamente perfeita,né?! Porque muitas das crianças têm problema no coração nos rins e ele nunca teve nenhum desses problemas. Graças a Deus ele nunca teve nada disso. Então ele foi se desenvolvendo rápido, mais do que todo mundo esperava. Todo mundo comenta essa questão, os professores que acompanham ele sempre comentam isso.”

Você consegue entender ele e ele entende vocês?

“A gente acha, mas por ele não falar a gente fica sem saber o que ele quer realmente ou o que ele está pensando, o que passa na cabeça dele. Ele não fala muito, então a gente não sabe. Mas a gente entende muito ele às vezes, sabe o que ele quer, a gente conhece, muito tempo morando junto.

Ele teve um desenvolvimento muito bom.”

Como você descreve ele??

“Ah!! (sorriso) É uma pessoa muito especial, muito mesmo, muito inteligente, muito carinhoso. Ah! É especial, muito mesmo.”

E você percebeu em algum ambiente alguma exclusão.??

“Eu nunca senti isso, de quando ele está comigo de sentir excluída ou ele. Mas a gente já viu que algumas pessoas ficam sem jeito com ele, mas por ignorância, por não saber direito como é, por não ter convivência. Mas a gente vê com criança, principalmente porque criança fala mesmo o que pensa, não tem vergonha, não sabe o que é, não entende direito, então fica meio que excluindo ele. Então, às vezes ele percebe, ele mesmo percebe, ele sabe, ele sente isso e ai é a pior parte, a gente fica mal também porque vê que ele sentiu isso.

Muitas vezes ele é agressivo, quando ele vê que alguém não está tratando ele bem ele fica agressivo, e às vezes ele pára de falar com a pessoa, ignora. Igual aqui no bloco, as crianças começaram a ignorar ele, a ficar rindo dele, da fala dele, e ai acabou que ele sentiu que as crianças não estavam tratando ele bem e ele simplesmente parou de descer, não quer descer,

não há quem faça ele descer. Ele não quer saber mais dos meninos e sempre trata mal quando encontra . Ai ele se defende desse jeito.”

E o que você espera dele no futuro?? Você acha que um dia ele vai ficar com vocês?

“Ah...! Tudo de bom para ele. Que ele consiga um emprego, que ele tenha muitos amigos, que ele consiga ser independente, porque eu tenho certeza que ele vai ser porque ele aprende as coisas muito rápido também. E .. que ele seja muito feliz.

Eu já pensei nisso, dele ficar com a gente, ou ele fica comigo ou com P. A gente não faz plano sem ele, não tem como.”

Você conhece um pouco da história dele na escola??

“Eu sei que ele teve que repetir alguns anos na escola por conta das dificuldades, já teve muitos problemas com professoras que não eram preparadas, já teve algum problema de relacionamento. Uma vez foi porque a gente estava até achando estranho porque ele estava muito agressivo, quando a gente foi ver, era porque a professora não estava dando atenção, estava ignorando ele. Ai ele queria chamar atenção, e acabava sendo agressivo. Foi isso, teve que repetir alguns anos por causa das dificuldades e a fala atrapalha um pouco também.”

Você acompanha alguma tarefa da escola.?? Como é o raciocínio a interpretação?

“Muitas vezes eu fico fazendo com ele, acompanhando as tarefas, ajudando. Ele é bem lento, às vezes ele é bem lento mesmo. Você acaba de mostrar, de como fazer e quando ele vai fazer não consegue. Às vezes eu acho que é porque ele fica nervoso, com medo de errar, eu sinto isso. Porque nas vezes que eu deixo ele fazendo sozinho, ele faz. Eu ensinava, ai eu saía e ele fazia direitinho, mas é um pouco lento, vê que tem dificuldades. Preciso ler e interpretar para ele, às vezes ele não interpreta.”

Como ele se relaciona com as outras pessoas??

“Com adulto é mais fácil, ele não tem problema, se relaciona bem porque eles sabem como é a doença “síndrome” (grifo meu), sabem como lidar tem mais cuidado. Mas com criança é mais complicado porque eles não têm essa percepção, ficam com medo, não sabem lidar. E ai ele fica agressivo.”

Anexo 5**OBSERVAÇÃO**

Dia: 16/03/06 17h

Local: Scala 615 sul

Atividade: Natação individual

Duração: 50 minutos

A atividade é realizada entre A e o instrutor na piscina.

Ele apresenta boa coordenação motora, nada estilo crawl , mergulha, faz trabalho de respiração, faz exercício com braços e pernas.

Em todas as atividades o instrutor fala com A e demonstra o que é para ser feito, mas percebe-se que A já compreende o comando.

Às vezes ele se recusa a fazer, mas o instrutor consegue convencer ele a realizar toda a atividade.

Demonstrou afeto com o instrutor, além de interesse e bem estar na realização dos exercícios. E em alguns exercícios ele pede ajuda do instrutor.

ENTREVISTA COM INSTRUTOR R.

Qual o trabalho que é desenvolvido com ele?

A gente faz um trabalho de desenvolvimento psicomotor relacional. Mas ele tem um desenvolvimento psicomotor bom.

Quais as principais limitações dele?

Ele tem uma coordenação boa, mas ainda tem algumas dificuldades. Ele está bem.

Tem pouco tempo que ele está aqui com a gente, no início dei ênfase na respiração porque ele não sabia, ele também era muito inseguro na água, ficava com medo, tinha medo de mergulhar, então a gente começou por aí, trabalhando o medo, a insegurança.

Mas ele está muito bem, ele já tinha feito aula antes e está bem.

Anexo 6**ENTREVISTA COM PROFESSORA – G. C. 410 SUL**

“Antes, na visão da inclusão, a criança tinha que estar pronta para viver na escola. Depois da Declaração de Salamanca, a inclusão não, ela diz que a criança vem e você trabalha as diferenças da criança. Mas, o que acontece, o que eu percebo como professora, é que quando você coloca a criança sem condições nenhuma de socialização ou de autonomia, vira uma exclusão ao invés de uma inclusão. Então, esta sala tem este papel de fazer a ponte entre o centro, que seria este trabalho todo, e uma sala como a regular. Existe uma crítica com as salas, mas eu acho que tudo depende do profissional, de como é feito o trabalho. Aqui eu tenho tido bons resultados. Os meninos saem daqui mais tranqüilos, eles conseguem ter mais autonomia. Porque meu trabalho aqui é fazer com que eles realmente passem a ter essa convivência de uma forma mais tranqüila. A criança sofre quando ela vai para uma sala onde ela é excluída, onde ela é “a diferente”. Quando ela passa por aqui, ela sai tão tranqüila. Eles convivem no recreio, convivem nas festinhas. Amanhã mesmo nós temos uma apresentação. Então, essa relação é muito boa e termina tendo bons resultados. Mas o que é o grande problema da nossa classe? Esse menino mesmo lê tudo, lê depressa. Eu tenho quatro alunos que lêem, realmente, fazem uma interpretação, escrevem, registram, e tenho outros alunos que estão lá no princípio. A pedagogia hoje é uma pedagogia personalizada, e não diferenciada, e é muito difícil você fazer um trabalho personalizado tendo essas discrepâncias. O que eu sinto? Eles separam o ensino por faixa etária, mas quando você trabalha com deficiência mental, a idade mental para a idade cronológica são extremamente distantes, então é impossível trabalhar da forma que eles propõem. Na minha interpretação, seria uma questão do cognitivo. (interupção). Eu sinto essa grande dificuldade porque você termina deixando, não é que você queira deixar alguém, mas você acaba deixando alguém para trás, quando na verdade você poderia estar fazendo um trabalho interessante, legal. O seu Carlos foi lá, tentou montar uma turma para Alexandre, mas não deu certo. Mas as pessoas que estão lá encima nunca tiveram numa sala de aula e, quando vão ensinar, ensinam como se fosse uma turma regular. Porque, numa turma regular, onde as crianças têm autonomia, você forma grupinhos e às vezes você consegue trabalhar assim. Eu estou no ensino especial a sete anos, há mais tempo, porque eu trabalhava com deficientes auditivos. Eu sou coordenadora há 25 anos, então eu também tenho experiência também lá fora. Eu estou aqui porque eu gosto, porque eu quero, porque eu já convivi lá fora com deficientes, na família. Eu tenho essa relação e sei exatamente. Eu estou aqui porque eu quero. Eu acredito que o profissional tem que gostar do que faz. Esses dias que eu estava doente veio uma pessoa para me substituir. ‘Ah, isso aqui é

uma maravilha'. Porque isso? Porque a visão é de que a gente não faz nada. Então essa visão do profissional vir para cá para não fazer nada é o grande problema, porque acha que não tem o que fazer, ou então vê que a criança não tem potencial. O que eu reclamo sempre é que eles tinham que vir para cá mais novos. Mas o que acontece? O próprio pai rejeita. Quando ele percebe é tarde, aí não adianta tanto. Porque quando eles ficam maiores, não serve mais. Os alunos ficam dois três anos na segunda, terceira série e não saem do lugar. Então, é neste sentido o problema. A. passou pela primeira série, foi para o centro, passou por muitas coisas, não dava certo com ninguém. Aí ele chegou ano passado aqui na sala, com nove alunos, e acalmou. Eu te pergunto, é porque eu tenho tempo para ele ou foi trabalhado outra coisa que não era trabalhado nos outros lugares. Eu acho que o ensino especial tem que ser visto com outros olhos. Os pais têm que conhecer mais, porque por mais que eles estejam preocupados, eles não conhecem o trabalho das escolas. O que a Declaração de Salamanca diz é que a criança tem que ter o melhor atendimento.”

Como é o comportamento dele hoje na sala?

“A. hoje é uma criança mais tranqüila. Ele já não bate mais. Primeiro, ele está chegando na adolescência, e é natural ele se acalmar um pouco mais, ele já não bate, já não corre mais. Às vezes, quando ele está indo para o recreio, ele fica um pouco agressivo. Mas é um comportamento natural, mas ele se isola muito. Eu fico reclamando com o pai dele que ele é muito só. Ele não fala quase nada. Ou é preguiça mesmo ou não está sendo muito exercitada a oralidade com ele. Ele está muito fechado, isso me parece uma maturidade, mas não cabe a ele agora. Antigamente era diferente, ele não ficava quieto. Agora, ele não quer participar de nenhuma atividade de ressocialização, fica quieto. Na minha concepção, isso não é legal para ele.”

Quando você insiste, ele participa?

“Não. Na semana passada mesmo, teve uma atividade para juntar as turmas, por causa da Páscoa. Ele nem saiu da sala. Ele está muito fechado. No Carnaval, ele sentou no cantinho, não participou de nada. Ele vai para o recreio, fica num canto, joga pedra, mas só. Esse comportamento não é dele. Antes, era mais agressividade, mas hoje, ele fica muito isolado. Ele não quer falar. Tudo ele nega, não importa o que seja, ele nega. Às vezes ele fala na brincadeira, mas não deixa de ser um ‘não’.”

Como está o rendimento dele?

“Do ano passado para cá, quando ele chegou aqui, ele fazia alguma coisa. Hoje eu não sinto um grande crescimento em Alexandre. Primeiro, porque ele passa grande parte do tempo dormindo, desanimado. Ontem mesmo, depois do lanche, ele não queria fazer mais nada. E ele só faz se eu estiver do lado, esse é o grande problema. Talvez, se eu tivesse um tempo maior para sentar ao lado dele, ele podia evoluir. Mas como é uma atividade pedagógica direcionada à alfabetização, se eu não tiver do lado, ele não rende, não vai mesmo. Mas não é só ele, é qualquer um dos alunos. Um ou dois que vai. Mesmo aquele aluno que tem condições, não vai por algum motivo. Eu não vejo como regressão, vejo como estagnação. Ele está sonolento, desanimado. Esse isolamento que eu acho mais sério. Porque no ano passado, ele estava participativo, ativo. Ele não teve um rendimento muito bom, porque ele saiu de muitas turmas. Primeiro, para fazer Alexandre sentar, eu levei de dois a três meses, daí que eu fui ver como ele era. E o que eu comecei a perceber das outras atividades da outra escola onde ele está é que é cópia. E cópia não leva a lugar nenhum. Eles até queriam trazer o material para eu ver, mas para mim, eu não quero. Eu trabalho mais com a oralidade. Eu acho que ele vem diminuindo. Ano passado eu tinha dois hiperativos, este ano eu tenho três, um autista com baixa visão. Como faz um trabalho sério? Não dá. É difícil.”

Como é o relacionamento dele com as outras crianças?

“Ele se isola completamente, não participa de nada, nem no recreio, pode ver que ele não fala com ninguém. É isolado mesmo. A relação dele é péssima, e isso é ruim para ele. Os pais dizem que antes ele brincava com as crianças, mas hoje ele não brinca mais, e isso é fundamental. Eu não sei como é a relação dele com os adultos, pelo menos comigo é ótima, ele beija, brinca, mas ele não tem nenhuma relação com amigos.”

Quais as limitações que você vê?

“Eu acho tão relativa essa questão de limitação, eu acho tão sério colocar isso. Quando você não vê nenhum avanço, você tem que ter uma relação interpessoal e intrapessoal. Eu acredito que nós, só nos organizamos para a vida quando temos uma organização interna. Essa organização interna parte desse conhecimento do Eu, depois parte para as relações familiares, e depois as outras relações. Tudo o que eu proponho a Alexandre neste sentido, ele se nega, que é do conhecimento dele mesmo. Então, se ele pinta aquela faixa bonitinha, mas ele não sabe ‘quem sou eu, onde estou, para que estou’, perde o sentido da vida. Para mim, a limitação maior dele é quando ele se nega a ter essa consciência. O conhecimento de mim mesmo é o que me faz pronto para a vida, e eu penso que Alexandre se nega muito nesse

sentido. Pode observar que é um momento que ele não se envolve. Tudo o que é coletivo, ele não se envolve. Tudo o que eu proponho na coletividade ele se nega. A questão da oralidade nele é outro fator que tem um peso enorme, porque, para você ter essa consciência de construção de palavra, a sonorização tem uma importância muito grande. Eu tenho alunos aqui que tem problemas grandes de oralidade, mas não é problema, não que não tenha solução. Tenho alunos assim que já estão na sétima série. Esses meninos precisam de uma equipe multidisciplinar que façam todo esse acompanhamento. E eu não acredito em nenhum desenvolvimento onde não haja uma ponte entre profissionais dessa equipe multidisciplinar, o professor de atuação e a família. São três pilares fundamentais para qualquer formação e para o auxílio dessa criança. O que eu sinto de verdade é que essa equipe, quando vai passando o tempo com a mesma equipe ou se essa equipe se perde, eles começam a desacreditar no potencial que essa criança tem. E é o que eu sinto o que está acontecendo com Alexandre. Não estou dizendo que é, não estou aqui para julgar equipe nenhuma, mas me parece que eles desistiram de A., e eu não acredito nesse tipo de trabalho. Eu acredito que essas são as grandes limitações, socialização, oralidade, porque tudo depende disso, um avanço depende disso. Na verdade, quando você fala de preparo para a vida, as pessoas pensam sempre na questão acadêmica, e eu não acredito nisso. Eu tenho um exemplo dentro da minha casa. Eu tenho três graduações, uma pós-graduação e meu marido não tem nenhuma graduação, mas ele ganha muito mais que eu, financeiramente, e trabalha muito menos que eu. Então, a graduação, a escolarização não é tudo na vida. Então, nós temos que descobrir, quando a gente fala de limitação, é quando a gente pega uma habilidade que ele tem e coloca para ele desenvolver. E a gente precisa descobrir isso em A..”

Você acha que a sua prática favorece a inclusão?

“Eu acho que sim. Na verdade, aqui é uma inclusão parcial. Eu tento dar autonomia às crianças, e quando eu dou autonomia, eu estou trabalhando com a inclusão, e estou possibilitando que ele possa cuidar dele mesmo. Por exemplo, para uma criança dita “normal”, quando você fala ‘pega essa caixa de madeira’, nunca você precisa dizer ‘isso é uma caixa de madeira’, porque já é quase automático. Para uma criança especial, você precisa dizer ‘isso aqui é uma caixa de madeira’, aí ele manuseia e percebe que isso é uma caixa de madeira. O concreto, as coisas que às vezes não precisam ser tão esclarecidas, porque com o tempo as crianças vão assimilando, com eles essa assimilação é mais distante. A minha prática é encurtar essa distância, é favorecer esse aprendizado. Por exemplo, o antes e o depois é uma coisa comum para uma criança de 11, 12 anos, mas para eles tem a dificuldade

de compreensão. Se eu não sei o que é o antes e o depois, eu não sei o hoje e o amanhã, eu não sei uma organização de texto, uma seqüência lógica, eu não sei a minha seqüência de vida. É uma coisa simples, o que é fundamental para a nossa formação, e neles existe essa defasagem. No Jardim de Infância você trabalha, a criança viu uma vez e já pegou e aqui não. Com os meninos não dá para ver o alfabeto total, contas, todas essas metodologias. Aqui a amarração, a repetição é fundamental, mas não aquela repetição de cópia, que A. vinha fazendo. Repetição é completamente diferente de organização. Essa é que é a grande diferença. Ele precisa desse tradicional? Sim, mas de que forma que esse tradicional está sendo feito? Ao invés de eu coloca-lo para copiar sempre, eu pego um alfabeto móvel e passo um trabalho, porque ali ele tem uma visão de organização, que é completamente diferente. Se ele realmente soubesse o nome dele, ele não trocaria, ele não teria esquecido, então ele foi treinado para o nome dele. Ele não aprendeu, ele não compreendeu. Um dia eu dei para A. as letras do nome dele, e se você coloca em desordem, ele não percebe, ele diz que é o nome dele, mesmo com as letras trocadas. Eu acredito nessa contribuição, quando eu tento dar autonomia ou tento fazer ele compreender a seqüência de tempo, espaço ou a vida mesmo. Esta sala tem esse papel, é uma ponte entre o centro e a sala de aula. Aqui você pode ver que as crianças participam, a não ser quando se isolam, que é o caso de A..”

O que é Inclusão para você?

“A inclusão para mim é completamente diferente do que eu tenho visto sobre inclusão. Inclusão para mim é quando a pessoa participa efetivamente, quando ela tem condições de participar desse ambiente. Por exemplo, eu sou gorda e por mais que você queira que eu sente naquela cadeirinha, não adianta, não cabe. E eu acredito que tudo é nessa forma. Inclusão é respeitar, eu não tenho que aceitar, eu não tenho que gostar, eu simplesmente sou. Ele não é portador, ele é deficiente, ele precisa de atendimento diferenciado sim. Então, o que é a minha briga com essa inclusão que tem sido proposta? Segundo o Governo, eu pego a criança e coloco numa sala cheia de alunos, e não é isso. Inclusão é quando aquela escola, aqueles professores, está tudo pronto para receber aquele aluno, quando eu tenho condições de prestar um atendimento verdadeiro e real a essa criança. Na minha concepção, não é a criança que tem que estar preparada tem que haver pessoas e espaços preparados. Tem que ter um banheiro tem que ter tudo ali. A criança vai avançar paulatinamente, junto com as outras crianças, eles poderiam estar todos juntos e terem condições de continuarem juntos. No ano passado eu peguei um Down, ele vive na inclusão sempre, mas ele saiu da classe. Saiu porque ele já estava na inclusão, mas a escola não estava preparada. Mas não é esse preparo só, é um

preparo literal, de professores, de salas equipadas, o Estado não investe. A maior parte dos jogos que tem aqui, eu comprei. Não dá para eu dar uma educação para os meninos sem um material completo, eles não compreendem. Para eles (o governo), qualidade é só conteúdo, mas não é. É sair da visão fragmentada, é você ter condições de aplicação, de contextualização, e você não consegue fazer isso nessas condições. A preparação tem que ser da própria escola. Um exemplo disso é essa escola, que é um mini centro. Todas as salas recebem alunos especiais, mas nem todos os professores têm preparo, tem um curso para cuidar dos deficientes mentais. A educação hoje é isso, eu posso receber todos os alunos. Mas nós ainda não temos esse preparo ainda, é tudo lindo, mas está tudo no papel. Hoje todas as crianças que estão aqui passaram por um atendimento especializado, aprenderam braille.”

Essas crianças que estão aqui vão para as escolas regulares?

“Vão sim. Tem um aluno aqui que vai para a segunda série agora. O que é vantagem nessa sala é que ela não tem tempo, se a criança tem condições, ela vai embora, ele pode pular de série. É um atendimento personalizado para eles conseguirem realizar atividades. E o que eu acho mais legal na sala, apesar das deficiências que tem, é o fato de estar dentro de um ensino regular, e isso favorecer a integração diversa. A integração diversa é uma turma pequena, em torno de 15 alunos, com crianças ditas normais, recebendo um, dois especiais.”

A graduação da professora:

“Tenho graduação de filosofia, historia e pedagogia, e tenho uma extensão na UnB em Ensino Especial, e tenho uma pós-graduação para curso superior.”

“Esse é o grande lance da inclusão. Se eu não respeitar o ser humano independente de raça, cor, credo, etnia, eu não vou para lugar algum, e isso é a inclusão. O que tem mais bonito na inclusão é isso. A minha maior graduação é essa, pelo maior respeito que eu tenho pelo ser humano. Eu com as crianças, existe uma relação de afetividade, que para mim é 90% de qualquer trabalho. Se eu precisar brigar eu brigo, porque aqui essa questão de limite é muito séria. Eu evito pegar neles, o contato é olho no olho. Usar essas coisas, um respeitando o outro, para mim, isso é a base maior.”

Quanto tempo você trabalha em sala de aula?

“Eu tenho 25 anos de sala de aula e aproximadamente dez anos de ensino especial. Desses dez anos, eu tenho três anos com deficientes auditivos e seis anos com deficientes mentais, e já trabalhei também um ano com deficientes visuais”.

“O professor nem sabe o que fazer. Então, o que nós propomos? O que é fundamental para um aluno de primeira série? Aprender subtração, adição, multiplicação...Nós colocamos o que é importante realmente para aquilo ali. Porque tem uma série de coisas que são aplicadas que não tem tanta importância, que podem ser deixadas de lado. Não que não seja aplicado, mas que precisa ser cobrado. A gente criou grupos separados na segunda série para fazer isso, para fazermos as atividades curriculares melhor. Por exemplo, B. sabe as coisas, sabe ler, mas tem dificuldades na coordenação motora. Eu não vou deixar de avançar B por causa da coordenação motora. Para isso nós temos computadores, outras coisas em que ela possa trabalhar. Por que não trabalhar no que a criança tem habilidade? Se A. não conseguir ir bem em Matemática, e daí? Ele vai conseguir depois. É nisso que a gente trabalha.”

“Tem horas que A. senta e conversa, mas tem horas que ele não é assim, falta integração. A. hoje está fechado para algumas coisas que eu proponho. Mas porque ele se fechou? Ele já não gostava de estudar, ele nunca gostou. Ele não tem esse entusiasmo para o estudo. Em que momento ele se fechou? Ele tem uma vida ativa terrível. É psicóloga, natação, é muita coisa. Isso já cansa, você já perde todo o estímulo. O fato dele ter muitas atividades tem um peso muito grande. No começo, ele era bem ativo, corria, batia, brincava. Eu ficava doida, era super complicado para eu trabalhar com ele. Mas agora, principalmente depois dos medicamentos da tireóide, ele está muito afastado. Eu vi a mãe de A. uma única vez, mas o pai dele é um excelente pai. Tudo isso tem um peso. O pai, por mais que esteja envolvido, não tem a mesma percepção que a mãe tem. O pai dele faz um papel excelente, mas eu venho chamando a atenção dele desde o ano passado, que não está legal. Alguma coisa aconteceu. Não é só da tireóide, é a idade também, adolescência. Ele já tem 11 anos, a sexualidade é terrível, vem com força total. Tudo isso pesa. Mas essas reações dele...Ele ri sozinho, ele fica no mundo dele. Ele não quer ficar no meio de muita gente. No ano passado, as crianças eram super carinhosas com ele, brincavam. Eles eram mais tranquilos. Os alunos deste ano não, as crianças falam mais de namoradinho, e ele fica mais na dele.

Sobre esse isolamento de A., eu penso que tem que se exercitar mais esse negocio de socialização com ele. O pai dele tinha que ter mais atividades com ele, com a família, com

crianças. O pai dele fala ‘quando eu saio, eu levo’, mas não é a mesma coisa, a maioria das atividades é com adulto.”

Quais as atividades desenvolvidas para ele?

“Nós trabalhamos muito com o alfabeto móvel, muitos jogos interessantes para as crianças. Eu trabalho mais no concreto mesmo, com corpo humano, com letras, tudo é no concreto, com jogos.”

Você tem contato com as professoras da Escola Parque?

“Quando elas têm problemas, elas vêm aqui. Alguns problemas que elas tem lá eu não tenho aqui. Outro dia elas vieram aqui, queriam saber como eu trabalhava. Nós fomos lá umas três vezes, mas não deu certo. Porque na Escola Parque, além dos professores, eles têm uma equipe para trabalhar com os meninos.”

Anexo 7**OBSERVAÇÃO – ESCOLA**

Local: Escola Parque 210/211 SUL

Data: 27/03/06 07:30 as 12:30

A chegou animado, brincou com alguns colegas e entrou na fila.

Ele passa por 4 aulas diferentes de 1 hora e 10 minutos cada.

A turma é de 3ª série e tem crianças de 8 a 13 anos.

- TEATRO

A se mostrou um pouco impaciente, não interagiu muito e quando tentava falar as crianças riram dele.

Não participou do aquecimento com música, ficou no canto.

Bateu na bunda da colega.

Não participou das atividades.

A professora entregou o material e deu instrução individual e ele fez. Ela passou uma atividade livre, mas ele não o participou e ficou no canto de cabeça baixa.

Depois ela passou uma atividade em dupla, mas ninguém fez dupla com ele e ele não quis fazer e mais uma vez ficou no canto sem fazer nada.

Às vezes a professora chama A para participar e ele diz “Não” e ela não faz mais nada, não insiste, não motiva A.

Como é a participação dele na aula?

“Eu acho a participação dele é boa. Quando o som está alto ele foge, se retrai, mas a participação é boa.”

- MÚSICA

A professora explicou matéria no quadro, mas A se mostrou disperso e sem interesse. Os alunos respondiam e A se mostrava impaciente tentando falar, balançado a cabeça.

Não participou, ficou sentado na cadeira e as outras crianças fazendo a atividade. A professora chamou e ele não quis ir e ficou sentado, mas a professora só explicou de maneira geral, não explicou com calma. Ela dizia: “Vamos lá” e ele respondia: “Não” e pronto, ele continuava sentado no canto.

A diz “Não quero” a professora aceita não diz mais nada. Ele não responde as perguntas e não participa das atividades.

A professora passou uma historia no som e A ficou sentado, enquanto as crianças brincavam .Demonstrou que queria ir, fazia que ia levantar não levantava.

Quando A esta parado, sem participar a professora não pede a participação.

A professora falava a letra da musica e as crianças repetiam, mas A não fez a atividade, só ficou olhando, balançando a cabeça e o corpo.

Como é a participação dele?

“Ele esta participando, às vezes quando não vai balança os pés, mas ta vindo aos poucos, na outra aula ele participou, estava alegre, ate me cumprimentou, mas hoje parece que ta zangado.”

- INTERVALO

No intervalo A não quis comer, foi andando pelo pátio, mas depois uma professora o levou até o refeitório, conversou com ele e ele lanchou, mas sentou isolado.

Depois sentou perto da quadra onde tinham varias crianças brincando de futebol, mas ele ficou só olhando o jogo, depois bateu o sinal e uma professora foi chamá-lo.

Segundo uma colega de classe: Menina 12 anos

Acho bom. Na aula de educação física ele participou mas nas outras fica quieto.

- ARTES PLASTICAS

A sentou sozinho em uma mesa para 4 alunos e se formaram 2 grupos de 4 alunos e um de três, mas ele sentou sozinho, mas ficava olhando para os grupos, para as outras crianças.

A professora explicou a atividade, mas ele não fez. Ela sentou com ele explicou e ele fez, ficou entretido e fez a atividade, mas quando acabou não queria fazer mais nada e deitou na mesa.

Ficou o resto da aula quieto, e não interagiu com os alunos.

“Ele sempre senta sozinho e quando senta em grupo faz pirraça. Ele só faz um e para, cansa, mas tem dia que não quer fazer nada e ele só senta sozinho.

Quando senta com os outros alunos fica emburrado e não faz nada e atrapalha os outros.

Só faz quando eu mando, na primeira aula ele queria me bater, e as vezes ele fica emburrado, não interage com as crianças e se algum chega perto ele bate, você pode ver na fila, se alguém chega perto, esbarra nele e ele briga.”

-EDUCAÇÃO FISICA

A participou, foi o primeiro da fila e ficou sempre perto da professora.

Ela passou a atividade e explicou para ele, ficou perto para dar as instruções e para dizer que era vez dele. Quando ele disse que não queria, ela insistiu e ele fez e se divertiu, fez todas as atividades. Se mostrou feliz, entretido, motivado.

Ela pediu para ele ajudar na arrumação do material, e fez todas as crianças esperarem ele acabar. Correu com bastão com o grupo interagiu.

“Ele nem sempre participa, hoje foi o melhor dia dele em dois anos que ele esta comigo. Eu nunca tive uma aula assim, eu to impressionada, não sei se é porque você esta aqui, mas hoje ele participou, foi ótimo”.

Tem aula que ele não quer participar, sai correndo pelo pátio e alguém tem que ir atrás dele. E as vezes as crianças se irritam também, não gostam de esperar e isso prejudica.

Mas hoje foi ótimo, eu estou assim impressionada.”

Anexo 8

OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA CLINER

A. passa por cinco atividades durante duas horas e meia.

PEDAGOGA

Hoje ele esta bem lento. Ele em outros horários e outros dias é mais rápido, ele interage mais, então eu vejo a diferença.

Qual o trabalho realizado com ele?

“Eu faço a parte da pedagogia, leitura, escrita, compreensão, tudo, por exemplo, a gente trabalha texto simples tipo “Cachorro é dália”, então eu passo um pequeno texto umas pequenas perguntas que tem a resposta no texto, mas que ele tem que descobrir a partir da leitura da interpretação que ele faz. A gente desenvolve antes de chegar na interpretação, então a gente trabalha muita interpretação, muita leitura.”

Como é o desenvolvimento dele? Quais as dificuldades?

“Ele está com dificuldade de ler e transpor para o papel o que ele leu, por causa da dificuldade da fala. Então ele não fala direito, não entende o que ele fala. Mas a compreensão dele, mas se eu colocar as figuras e colocar as letrinhas ele sabe me dizer, não é questão de não saber a letra, é mais pela dificuldade da fala que transpõe para a escrita e atrapalha um pouquinho. Mas é questão de vencer essa etapa e não é da noite para o dia que vence essa etapa, é aos pouquinhos.”

Como é o relacionamento dele com você?

É ótimo, a gente se dá super bem, ele brinca, ele responde, ele nunca responde mal humorado, nunca teve uma reação agressiva, é boa.

E como é com as crianças?

“Ele tem um relacionamento bom com João Pedro (eles fazem a atividades juntos) porque eles estão mais ou menos na mesma faixa etária, o que o A não sabe J P ajuda e assim vai, eles tem essa troca, e a gente faz joguinhos, ele começou descobrindo as peças, trabalhando memória, a leitura e assim a gente vai”.

Geralmente ele faz tudo que o que pede?

“Ele faz, depende da demora, às vezes ele faz uma atividade em duas sessões, às vezes a gente faz rapidinho, depende do estado dele. Hoje foi difícil ele fazer”.

Mas geralmente ele se envolve, mas 1º horário é difícil, é como se ele custasse a desligar do que aconteceu lá fora antes de chegar aqui na clinica e acordar que ele está na clinica para trabalhar, desenvolver, essa ligação ele custa a fazer”.

OBSERVAÇÃO

A demonstrou dificuldade, demorando para responder o que era pedido.

A pedagoga falava uma palavra e A tinha que escrever a palavra.

Se mostrou um pouco sonolento também.

TERAPIA OCUPACIONAL

Agora ele esta mais sonolento, outro dia a mãe dele chegou aqui e ele tava meio dormindo, ela até ficou brava porque ele estava com cara de sono, a gente toda hora leva ele para lavar o rosto. Mas já tem dia que ele não chega assim.

Qual o trabalho realizado aqui?

A gente trabalha principalmente coordenação motora fina, onde vai dar todo um trabalho para fazer movimentos finos, preensões, diferentes preensões que vai ajudar a ele a fazer pressão para pegar no lápis. Aí a gente treina a força muscular para aquela letra não sair bem fraquinha, e aí a gente faz a dissociação dos membros superiores para ele poder conseguir dissociar os movimentos da mão. Esquema corporal a gente também trabalha para ele conhecer as próprias partes do corpo, no outro, no objeto e na frente do espelho, onde ele vai construir a auto-imagem dele, onde ele vai poder se relacionar com o outro, saber o limite do outro. Tem outras atividades que a gente faz, essas são atividades pedagógicas, mas a gente requer a coordenação motora dele, a percepção visual, a coordenação visiomotora, que é pegar com a mão e ver o que está fazendo, isso vai desencadear a atenção dele na sala de aula. E a gente faz treinos das atividades da vida diária, que são vestuário, alimentação, higiene pessoal, banho. Para ele ser independente, saber se comportar nos lugares.

Como está o desenvolvimento dele?

Ele responde bem, ele é uma pessoa bastante cooperativa. Tudo o que a gente propõe a ele, ele colabora, ele participa. Tem algumas atividades que eu só coloco o material e ele já sabe como fazer. A gente sempre segue etapas, sempre segue uma seqüência lógica, tudo isso para desenvolver nele o senso de organização e responsabilidade, porque tudo o que ele começar a fazer, tem que terminar. É uma gama de atividades que está uma associada a outra. A gente trabalha a percepção visual dele, aquela questão de cores, formas, figuras fundas, organização de seqüência lógica, interpretação dessa seqüência lógica, noção de tamanho, altura. Associada à essa percepção, a gente trabalha a discriminação tátil. Essa versão da gente trabalhar em dupla é para um ajudar o outro, incentivando. Porque a gente percebeu que de um tempo para cá A. está muito lento nas atividades. Com uma pessoa do lado, dá um estímulo, competição mesmo, ‘vamos ver quem termina primeiro’.

Como é a sua relação com ele?

É extremamente normal. A gente convive bem, quando eu falo, ele me obedece. Eu trabalho muito com limites, então, eu converso normalmente com ele. Quando eu preciso dar uma bronca, ele entende. Eu não preciso nem elevar a voz, só olho que ele me entende. Ele é muito carinhoso, gosta muito de abraçar, dar beijo. A gente sempre se despede quando ele sai daqui, para estimular esse relacionamento interpessoal. Dar bom dia, boa tarde.

Como é o relacionamento dele com as crianças?

Atualmente ele está com um comportamento um pouco estranho. Antigamente ele chegava e cumprimentava todo mundo, chegava, ‘e aí, beleza?’, do jeito dele. Hoje ele está mais introspectivo, ele está mais recatado. Não sei se ele está se isolando, mas ele está diferente. Eu tento muito formar o diálogo entre eles dois, mas ele faz o dele sozinho. A gente faz muitos jogos, jogo de memória, dominó, para ver se melhora a comunicação dele. Ele fala, mas não era como antes. No geral ele é uma pessoa muito boa de trabalhar. Não causa resistência. A gente fala no máximo duas vezes, ele obedece. Ele está concentrado, a atenção dele. Se a gente falar para ele parar a tarefa, ele pára, guarda no lugar certo.

OBSERVAÇÃO

A e outro aluno estavam dando continuidade a uma atividade que haviam começado na semana anterior.

E um papel com um desenho contornado de massinha de sopa, eles tinham que passar um fio entre as massinhas, mas com cuidado para não quebrar o desenho.

A se mostrou desperto, impaciente e sonolento.

REFORÇO ESCOLAR

“Esta vendo que ele é organizado? Quando ele chega aqui e esta bagunçado ele arruma tudo, só trabalha quando esta tudo organizado”.

Como esta o desenvolvimento dele?

Antes você podia dar o comando e ele desenvolvia sozinho, agora com orientação e muita orientação, na verdade é ajuda nem é orientação e ainda tem essa dificuldade.

A pedagoga vai a escola, faz a avaliação, vê o que ele ta vendo na escola, qual a dificuldade dele e a gente trabalha em cima da dificuldade dele. Esse ano a gente ainda não foi, já teve a reunião na escola dele e vai ter a reunião aqui e vamos saber, mas eu já sei qual a dificuldade dele, pelo visto são todas, pelo o que vejo são todas, até as vogais a gente está voltando a estudar.

Antes ele estava bem, já sabia ate trissílabas agora até as vogais ele não esta conseguindo fazer.

OBSERVAÇÃO

A tinha que dizer o nome da figura e depois escrever a primeira letra da palavra.

Teve muita dificuldade para realizar a atividade, se mostrou lento e desatento. Não respondia sempre qual era a figura e nem a primeira letra da palavra.

A professora tinha que repetir muito e até responder para ele escrever.

DONO DA CLÍNICA

Alexandre veio do CPH junto com a gente tem sete ou oito anos.

Quais as atividades que hoje ele realiza?

Dança-terapia, na quarta e na sexta-feira, uma aula de fonoaudiologia, natação ele não faz aqui. Terapia ocupacional, ginásio, à parte de psicomotocidade, psicologia.

Como você observa o desenvolvimento dele?

O A deu uma melhoria muito boa, mas do final do ano para cá, tanto pela troca de escola e pela mentalidade dele, por ele está com uma percepção muito boa, ele começou a ter um mau entendimento. E a partir do momento que essa criança tem um mau entendimento, ela começa a ou ir para frente ou estacionar. E em alguns aspectos ele estacionou, principalmente na escola. Ele chamava muita atenção, a sala estava cheia, não estava adequada para ele, não havia uma homogeneidade na sala e isso não favoreceu para ele. Na minha opinião A deu uma parada. Quando você pede para falar, você vê que ele fala bem, a escrita está boa. Agora, a clínica não é uma escola, mas a gente acabou praticamente alfabetizando ele. Agora eu estou achando A muito triste, não sei se é a falta da antiga escola, que ele trocou agora. Ele mudou muito, e ninguém muda da água para o vinho, tem que ter alguma coisa. Tem outra reunião com a família dele, já foi marcada, estou aguardando resposta dos pais dele para a gente tentar solucionar da melhor maneira, para descobrir o que está acontecendo, porque ele não é assim.

Como é a relação dele com as outras crianças?

Como é um tratamento individual, agora que ele começou com JP em determinadas áreas, são dois rapazinhos para ver se criam esse vínculo de amizade, essa troca de atitude, de idéias e até de comportamento, para ver se dá um empurrão nele. Ele se dá bem com J. P., é uma amizade. Na verdade, toda criança tem, se identifica mais. A tem essa coisa com J. P, ele gosta muito. Nessa parte de namoro, você não vê comentário nenhum dele, ele é muito reservado, é dele mesmo. Independente dessa tristeza hoje, mais calado, mais quieto, ele também não gosta muito de beijo e abraço não. Ele se dá bem com J.P, se dá bem com criança pequena. Ele gosta de criança pequena. principalmente quando ele está ajudando, dando as ordens. Com as meninas A nunca teve grandes coisas com elas não. Por ser um tratamento individualizado, não dá para perceber muito a relação dele. Agora que ele começou a fazer atividades com outro coleguinha, para ver esse vínculo de amizade, essa troca de amizade, de idéias, de comportamento.

A clínica dá a base, mas para essa base ser consistente, a gente precisa do apoio da escola e do apoio familiar. A se espelha muito no pai. Não é só pegar o filho e tirar férias, é estar nutrindo esses estímulos em casa, valorizando da melhor maneira, a clínica cobra muito. Mas se ele tiver esse respaldo em casa, de prazer, ele só tem a ganhar. Determinadas coisas, na idade dele, ele só vai aprender se espelhando pelas atitudes do pai. A mãe está ali cobrando, passando segurança. Hoje eu vejo que A se afasta muito. Diversas vezes nós conversamos,

não há uma participação no dia-a-dia com a família, por exemplo, sentar todo mundo na mesa. É difícil, mas tem que existir. Se você tem uma criança dessa, você tem que passar esse tipo de atitude, participando. A mãe dele até comentou que A tem o quarto dele, a escrivaninha dele. O psicossocial dele está abalado, mas foi abalado por que? E isso tem que ser passado, tem que conversar. Não é só jogar na mão do psicólogo. Em um grupo de dez crianças, tem uma que não deve gostar dele. Então, você tem que fazer esse vínculo. E a própria escola. Não houve um apoio. Aqui ele tem uma amizade, mas acabou.

Você acha que o fato dele estar numa classe só de alunos especiais está interferindo de alguma maneira?

Óbvio. Ele aprontou muito no passado, e aprontou por falta de compreensão e até de profissionalismo de estar olhando qual a necessidade dele, o que ele dava conta e o que ele podia produzir. Esse apoio é até um limite, porque a criança acaba pedindo esse limite. Essa é a opinião, acho que alguém falhou. Tem que ter uma base, um apoio familiar, de passear, de estar colocando, de estar sustentando isso. Por que quem são seus amigos? São seus pais, seus amigos.

FONOAUDIÓLOGA

Qual o trabalho que você desenvolve com ele?

Eu sou fonoaudióloga. Trabalho com ritmo, entonação, porque ele fala as palavras bem lentas. Eu estou trabalhando bem ritmo, memória, entonação.

Quais as dificuldades que ele tem?

Ele ultimamente tem apresentado muito sono nas terapias, então está muito difícil trabalhar com ele. A gente não consegue nenhum trabalho que chame a atenção dele. Está difícil de desenvolver as atividades.

Como está o desenvolvimento dele?

Está muito lento. A gente não tem tido progresso nenhum com A . Não sei se é por causa da medicação, se é por causa de alimentação, mas não tem progresso nenhum. Na última aula dele, ele fez porque eu estava cutucando ele. Ele olhava para o computador e não fazia, e a gente estava trabalhando memória. A gente teve que mudar a atividade.

OBSERVAÇÃO:

A ficou na esteira, fez alongamento e atividades com pesos e trabalhou também o equilíbrio.

Fez as atividades, mas em alguns momentos se mostrou desinteressado.

FISIOTERAPIA**Qual o trabalho que você faz com A?**

Por ele ter Síndrome de Down, ele tem hipotemia muscular. O que é isso? A musculatura é mais molinha, é mais flácida. Se não tiver um trabalho muscular, postural encima dele, ele pode desenvolver algumas deformidades. O pé pode ficar torto, o joelho pode entrar um pouco, desvios posturais, e a gente trabalha prevenindo isso.

Como está o desenvolvimento psicomotor dele?

A tem o desenvolvimento psicomotor bom. Ele tem as limitações dele, que são as características da Síndrome, mas a gente observa que tem crianças que tem Síndrome de Down que tem mais dificuldades que ele. Ele começou a estimulação muito cedo, e isso é uma vantagem, porque tem crianças que começam a estimulação mais tarde.

Como é o desenvolvimento dele com as atividades que você passa?

Ele é muito preguiçoso, desinteressado. Tem que estar sempre motivando ele. Quando tem outras crianças no ginásio e a gente trabalha com competição, ele fica mais animado. Temos que ficar o tempo inteiro cobrando ele.

Como é o relacionamento dele com você e com as outras crianças?

É bom. Ele está muito mudado do ano passado para este ano, mas o relacionamento dele é bom com todo mundo. Ele ficou mais quieto, ele está mais passivo. Ele era muito mais ativo. Mas o desenvolvimento dele com a outra fisioterapeuta e com as outras crianças é bom. É só não deixar ele solto. Cobrar, impor limites, ele trabalha numa boa. Com A, a gente tem que saber cobrar, saber incentiva-lo e impor os limites. É mostrar que ele está aqui para aprender, que ele tem que fazer certo.

OBSERVAÇÃO:

A tinha que repetir as palavras, enfatizando as sílabas.

Jogo da memória no computador, A tinha que achar os pares iguais e quando acertava ouvia a palavra e repetia.

Nem sempre A respondia.

OBSERVAÇÃO GERAL:

A. se mostrou bastante disperso, desinteressado, sem motivação durante as sessões. Nas duas primeiras aulas estava bastante sonolento e com muita dificuldade de responder as atividades.

Em todas as atividades propostas, A. era muito lento para responder, ou não respondia, levava muito tempo para fazer uma atividade.